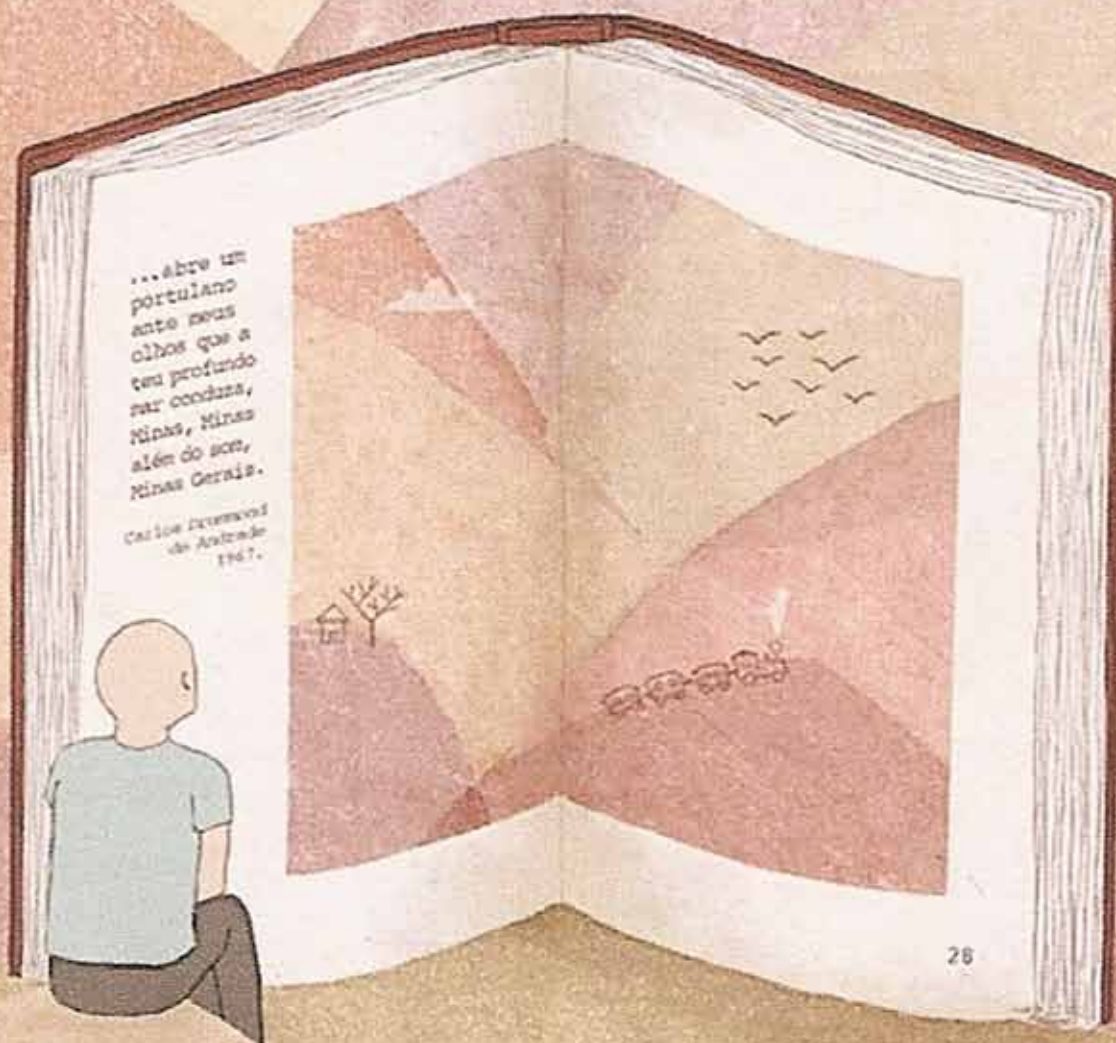


# SUPLEMENTO LITERÁRIO

## COLEÇÃO MINEIRIANA





# Coleção

Jacyntho Lins Brandão

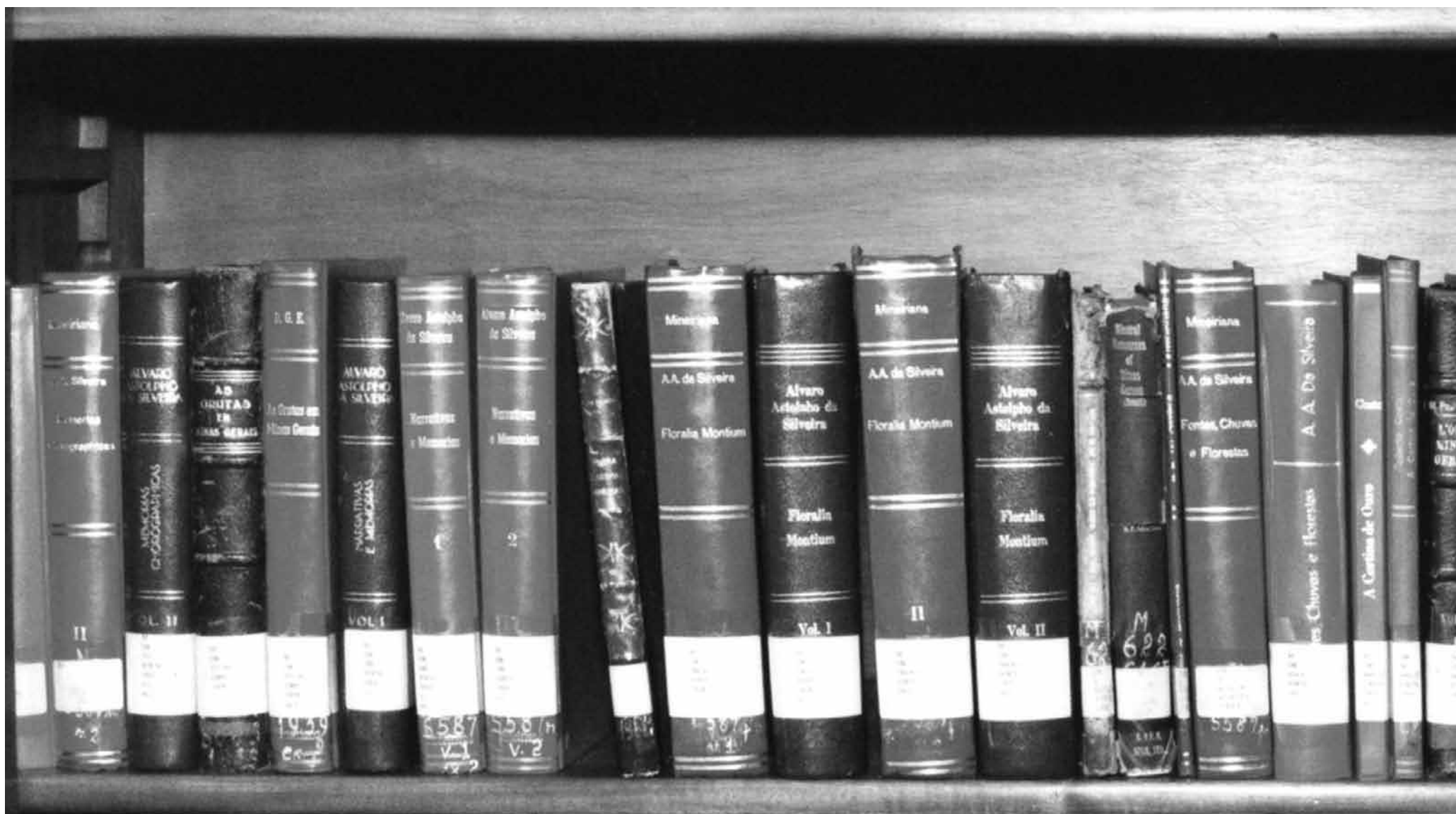
# MINEIRIANA

Perguntou-me há pouco tempo o carioca-mineiro Sérgio Peixoto por que a nossa Biblioteca Pública tem uma coleção Mineiriana – se nas congêneres do Rio e de São Paulo, por exemplo, não ha cariocanas nem paulistanas. Esse é um bom desafio, ao qual o presente número do *Suplemento Literário*, comemorativo dos 40 anos da Mineiriana, de certo modo busca responder. A primeira razão, de ordem geral, parece muito simples: como lembra João Antônio de Paula na sua contribuição, uma biblioteca é uma coleção de problemas. Portanto, também a Mineiriana não foge da regra e quer ser um problema, não uma solução.

A bem da verdade, seria desnecessário que a Biblioteca Pública tivesse sua Mineiriana, pois é evidente que, tendo-a ou não a tendo, lhe coubesse a missão de conservar e disponibilizar o que se escreveu-escreve-escreverá sobre o Estado. Como nem sempre o que é evidente o é para todo mundo o tempo todo, criar a coleção, menos que uma crise de mineirice, pode-se dizer que representou uma forma de tornar concreta essa vocação. Desconfiança de mineiro, o “pé-atrás”: se o evidente pode não sê-lo tanto, então a solução é tornar a coisa o mais visível quanto. Por isso se providenciou uma sala e se apartou “o acervo referente a Minas”, o que, garante-nos Aires da Mata Machado, “estava na lógica peculiar à própria organização da Biblioteca Estadual”, em que se distingue “a feição mental de quem a concebeu – o escritor Eduardo Frieiro” e seu “amor dos assuntos mineiros”.

Bibliotecas são projetos de longuíssimo prazo, pela simples razão de que não se fazem com um ou dois livros. Após o gesto inaugural, é necessário tempo para proceder-se à coleta, empenho e cuidado ininterruptos para casar a coleção. Foi assim da fabulosa biblioteca de Alexandria no Egito à não menos impressionante biblioteca do Congresso em Washington. Não será preciso ir tão longe: a nossa Biblioteca Nacional, cujo núcleo inicial foi a coleção que D. Maria I e D. João VI trouxeram consigo para o Rio de Janeiro, ao fugirem de Napoleão, deixando uma parte para trás ao retornarem a Lisboa, é exemplo de um projeto bem sucedido que, em 2010, completará 200 anos. A nossa biblioteca pública estadual já passou de seus 50 – criada que foi em 1954 – e a sua Mineiriana chega este ano aos 40. Jovens senhoras, portanto, diante das colegas centenárias.

Este o primeiro traço de caráter: falamos de uma jovem em formação. Não se deve pensar que a Mineiriana – cujo nome, lembra Laís Corrêa de Araújo, ressoa os de Mariana e Brasi-  
liana – se ponha em contraponto com as outras coleções que se unem para formar a Biblioteca Pública Luiz de Bessa. Pelo



contrário: ela coopera com a coleção de Obras Raras, a Rita Adelaide, a José Alcino Bicalho, a Patrimonial, a Infanto-juvenil, a de Referência e a irmã mais conhecida de todas, a coleção geral dedicada a empréstimos. Assim, faz parte de uma topografia complexa em que os espaços se dividem e se completam pela origem, pela destinação e pelo uso.

A origem se encontra no interesse por temas mineiros da parte de intelectuais como Antônio Joaquim de Almeida, Paulo Campos Guimarães, João Camilo de Oliveira Torres, Lúcia Machado de Almeida, Vivaldi Moreira, Augusto de Lima Júnior e outros que, com Geraldo Sardinha Pinto, Eduardo Frieiro e Carmen Pinheiro de Carvalho, foram encarregados pelo então governador Israel Pinheiro de projetar uma coleção dedicada a Minas Gerais. Mais de uma década antes, em 1956, tinham acontecido o primeiro e o segundo seminários de estudos mineiros, organizados pela UFMG, onde também se fundara, em 57, o Centro de Estudos Mineiros, em atividade até hoje. Isso prova que o projeto de se criar mais um ponto de confluências no mapa da biblioteca estadual respondia a uma concentração de interesses que não era artificial.

Os depoimentos dos membros da Comissão Diretora da coleção, colhidos em 1984 e republicados neste número do *Suplemento*, confirmam o acerto da decisão original: Hélio Gravata se diz satisfeito nas suas necessidades de bibliófilo; Afonso Ávila elogia

o cuidado em coletar “obras menores”; Francisco Iglésias resalta que a coleção “mostra o muito que se fez e pode despertar ou sugerir novos temas”; Aluísio Pimenta destaca que ela constitui o “registro mais rico e significativo” da “memória impressa” de Minas Gerais; Murilo Rubião elogia a convivência, nas suas estantes, de “clássicos da História, da Sociologia, da Geografia e demais disciplinas, juntamente com as publicações de poetas e prosadores nossos contemporâneos”; Roberto Gusmão se refere a um “pequeno milagre verdadeiro”; e Priscila Freire chama-a de “a rosa dos ventos da cultura mineira”. Nesse mosaico de opiniões percebe-se que a destinação da Mineiriana se entende de modo plurifacetado: recolher, conservar, dispor. Tanto o antigo quanto o novo, tanto o que conhece grande circulação, quanto o que, sem a atenção e sensibilidade dos responsáveis, passaria despercebido. Mais ainda, pela própria convivência de obras e documentos que em princípio não dividiriam o mesmo espaço, a Mineiriana ganha a mais nobre de suas funções: propor.

É nesse sentido que Eneida Maria de Souza chama a atenção para o fato de que organizar uma biblioteca implica criar relações. Portanto, o trabalho do bibliotecário não é inócuo. Uma biblioteca é um projeto. Nela, os livros casam-se e descasam-se, sendo por isso que, apesar de inicialmente meras réplicas de todos os nascidos de uma mesma tiragem, acabam diferentes em diferentes



vizinhanças. Falar de vizinhos decerto será pouco, ainda mais hoje em dia em que eles mal se conhecem. Por isso é melhor pensar em casamentos: um livro de poesia, ao lado do de economia, mais que uma rima, institui uma linhagem. Como nos casais, em relações harmônicas ou conflituosas – não interessa: o importante são as relações. Pela simples razão de que são elas que apresentam os desafios e incitam as proposições. Sem isso, do velho não se tira o novo nem o desconhecido do já conhecido.

Conforme Guiomar de Grammont, não só a Mineiriana é útil para as necessidades do pesquisador, como revela-se uma verdadeira descoberta – não monolítica, mas disposta a celebrar sempre novas relações. Tanto que seu livro, derivado da tese que ela, com um tanto de exagero, considera “tão mal-compreendida quanto pouco lida”, se encontra lá, ao lado de outras obras sobre o Aleijadinho, tecendo novas proposições. Desejo insistir: se, de um lado, a Mineiriana cumpre a importante função de dispor para o leitor de agora sua teia de assuntos mineiros, por outro lado tem como principal trunfo propor, para o leitor futuro, que decifre sua rede de conexões. Lembrando que o futuro começa no exato ponto em que cada qual decida tomar o presente não como realizado ou realização, mas como problema a ser desvendado.

O problema: Minas são muitas. Para se ter uma ideia, apenas sobre os municípios do Estado a Mineiriana apresenta 824 itens, boa parte dos quais produzidos e publicados nos próprios locais de que tratam. Se a isso juntamos outros tipos de texto aparecidos em diversas cidades, incluindo os literários, a presença das várias Minas se torna mais destacada. Os assuntos vão da biografia e genealogia à geografia e história, do mais particular ao amplamente universal, passando por miscelâneas que recolhem e registram tradições, costumes e crenças. Nada de incompatível com a grande produção. É quase certo que *Corpo de baile* se sinta em casa na Mineiriana. Muito bem que Guimarães Rosa seja um clássico universal, mas o é por conhecer as mil faces das Gerais. E se Minas tem mil faces, então devemos falar de Mineirianas, no plural, pois elas se multiplicam a cada novo livro e leitor.

Os 40 anos devem servir para algumas reflexões. A primeira, de importância vital, sobre a manutenção da própria coleção. Além do que se tem, é preciso garimpar o que não se tem, completar séries de que faltam volumes, desencavar obras que não mais se encontram no mercado. Para tanto, o cuidado especial dos bibliotecários deve persistir e contar com os meios materiais necessários. A campanha de doações que agora se lança é bem vinda e pode render bons frutos, na medida em que autores e editores se conscientizem da importância de incluir seus livros no patrimônio público do Estado. Um passo mais concreto seria a iniciativa de instituir o depósito legal do que é publicado em Minas, sobre Minas, na Mineiriana. Trata-se de uma decisão política que garantiria que ela abarcasse todas as Minas, todos os Gerais.

Cumpra também rediscutir o que se considera mineiro. É curioso que uma figura como Alberto Deodato, sergipano que todavia passou 58 dos seus 82 anos em Belo Horizonte, tendo atuação destacada como jornalista e escritor, não se encontre na Mineiriana – e isso mesmo que o subtítulo de seu livro *A doce filha do juiz* seja “romance mineiro”. Se uma coleção é um projeto, nem os livros de Deodato fazem sentido sem Minas, nem a Mineiriana está completa sem Deodato. Os que saíram de Minas estão lá, a exemplo de Drummond e Guilhermino César. Por que os que vieram para cá não estariam?

É certo que nesses 40 anos muito já foi feito: da gestão de Carmen Pinheiro a Maria Augusta Cesarino, a criação, a formação da coleção, o dotá-la de pessoal e espaço adequado a sua conservação e consulta, a recente informatização. Os próximos 40 anos exigem que ela se mantenha viva enquanto projeto, sobretudo quando o livro e as bibliotecas passam por grandes transformações. Pensando a longo prazo, um projeto que se dê a dimensão do mundo, o vasto mundo de que Minas – e suas mineirianas – são uma interpretação.

“Folclore mineiro é latim, dizia Afonso Arinos.  
Sertão é dentro da gente, acrescentava Guimarães Rosa.  
Desconfiados, tímidos, introvertidos, manhosos,  
sovinas, tradicionais, conciliadores, simplórios,  
compradores de bonde: talvez sejam os mineiros tudo isso.”

José Murilo de Carvalho

---

# A Coleção Mineiriana

---

Eneida Maria de Souza

A Coleção Mineiriana é dotada de um acervo de inegável qualidade e de tradição humanista legada pela cultura mineira ao longo dos séculos. Considerando-se privilegiada diante das demais regiões, por ter protagonizado momentos significativos da história brasileira, como a Inconfidência, a opulência das minas de ouro, Minas se destaca pela vasta produção artística e literária que se inicia com o barroco e se estende aos dias atuais. A formação cultural mineira, compreendida entre a fase do ouro, do ferro e da agricultura, oscila entre o espírito aventureiro e progressista, representado pelas duas riquezas nacionais, e o espírito conservador, tradicional e equilibrado, corresponde à economia agrícola. No século XVIII, a riqueza gerada pelo ouro modifica a vida urbana de Vila Rica, impulsionando a constituição de Academias e Arcádias, pela presença de intelectuais e artistas nacionais e estrangeiros. Época de utopias libertárias dos Inconfidentes e dos poetas árcades, em que se registra o diálogo entre os livros da metrópole e os leitores da colônia, proprietários de bibliotecas e consumidores de idéias iluministas francesas – ao lado de obras “proibidas e perigosas” – como atesta Eduardo Frieiro em *O diabo na livraria do cônego*.<sup>1</sup>

A concepção da Mineiriana não se restringe a autores nascidos no Estado, mas a textos produzidos por ficcionistas, poetas, ensaístas, historiadores e políticos que têm Minas como tema e corpus de seus escritos. No entanto, ela recusa o perfil enciclopédico e totalizante, por não alimentar a ilusão de fornecer documentação completa sobre Minas Gerais. Apresenta-se como uma biblioteca aberta, dotada de flexibilidade e mobilidade, ciente de sua incompletude e sua permanente vitalidade. Não se pauta ainda pelo valor quantitativo das obras e dos autores, mas pela qualidade e valor referencial dos mesmos. Por se tratar de um acervo formado por doações de intelectuais e escritores, de doações e compras de bibliotecas privadas, e constituído preferencialmente de livros (8.000 volumes), deve-se assinalar que o acervo é ainda composto de



1. FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1981. Paulo: Edusp, 1981.

periódicos, discos, fitas cassetes, fotos, cartões postais, recortes de jornais, CD-ROM, fitas VHS, mapas, entre outros suportes.

A criação da Mineiriana em 5/8/1969, por iniciativa do Governador do Estado Israel Pinheiro, contou com o trabalho de uma comissão formada por intelectuais representativos da cultura mineira, destacando-se, entre eles, Eduardo Frieiro, Affonso Ávila, Aires da Mata Machado Filho, Antônio Joaquim de Almeida, Francisco Iglésias, Lúcia Machado de Almeida. Com o objetivo de formar “um acervo de obras sobre Minas Gerais, sua História, Letras, Artes e Ciências da terra e do homem”,<sup>2</sup> a Mineiriana se destina, prioritariamente, a preservar e divulgar a memória do Estado, por meio da reunião de obras significativas de nossa cultura. Nas palavras de Laís Corrêa Araújo, uma das diretoras da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, “não vive a Coleção Mineiriana apenas do passado glorioso, mas se pretende também dinâmica e atuante no hoje”. A singularidade autoral e o caráter aurático das obras perdem sua força, ao se conceber o acervo em torno de um objetivo comum e a favor de uma causa pública e democrática. Nesse sentido, fica patente a impossibilidade de considerar a Coleção segundo critérios excludentes e hierárquicos, ao se pretender valorizar uma área, um gênero ou um autor mais do que outros:

*Quantos livros obscuramente publicados em cidades do interior podem nos informar muito sobre as instituições de nossas vilas e cidades, seus homens, suas ações, seu folclore ou sua arte? E o que está acontecendo de novo na criação, na poesia e no romance, subterrânea e marginalmente, em revistas ou folhetos?*<sup>3</sup>



2. SIGNIFICAÇÃO da Mineiriana: depoimentos. *Duas palavras*. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 16, dez. 1984

3. ARAÚJO, Laís Corrêa. Mineirice-mineiridade-Mineiriana. *Minas Gerais*. Belo Horizonte, jun. 1974. Suplemento Literário, n. 405, p. 5.



Livros de literatura, história, memória, política convivem de forma interdisciplinar nas estantes, o que favorece os estudos contemporâneos, em que se constata a quebra de hierarquia entre as disciplinas, tornando-se difícil defini-las de modo categórico e excludente. A autonomia disciplinar e a ausência de diálogo entre as áreas não mais se sustentam dentro e fora das academias. A definição de Literatura, por exemplo, torna-se cada dia mais problemática, pela ampliação do conceito de texto, que abrange escritos antes desconsiderados para exame, como a correspondência entre escritores, as entrevistas, os diários íntimos, os rascunhos, a *marginália* inscrita nas bordas dos livros, as agendas pessoais ou anotações cotidianas. A obra, como a biblioteca, se encontra em processo de construção contínua, sem ocupar um lugar definitivo na estante. Está sempre à espera do leitor que irá, ao longo do tempo, reclassificá-la e revitalizá-la.

Catalogada segundo critérios padronizados de classificação, como os referentes a autores, biografias, estudos e ensaios, periódicos, obras de referência, história dos municípios, a Mineiriana possui um acervo rico em edições especiais e raras, obras literárias e históricas em primeiras edições autografadas. Coleções completas de periódicos mineiros, como a revista *Alterosa*, em que se registram não só a vida intelectual da cidade, mas os fatos mundanos, dividem espaço com o “Conjunto de fichário Hélio Gravatá”, material de pesquisa de grande valor documental.

Destacam-se, entre as obras raras, a primeira edição de *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; de Alvarenga Peixoto, Basílio da Gama, Bernardo Guimarães; de *Ephemerides Mineiras*, de Xavier da Veiga; da coleção completa do *Recreador Mineiro*, de 1845; *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos; de *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa, com dedicatória a Oscar Mendes; de *História do Brasil*, de Murilo Mendes.



## Folclore mineiro é latim

A Mineiriana responde por idéias que não se pautam por um espírito provinciano, mas se solidificam pelo contato com a cultura estrangeira, de raiz européia. A presença da cultura religiosa trazida pela colonização portuguesa impulsionou a criação de igrejas e instituições na região, como o Caraça, além da futura proliferação de colégios e internatos. A formação humanista permitiu o convívio da cultura erudita com a local, do latim com o folclore, o que resultou na mitologia do intelectual mineiro como dotado de uma singular educação. Embora inserido na tradição européia, sabe conservar os traços particulares que o distinguem da cultura metropolitana. Reconhece-se também a existência de múltiplas feições e de diversos perfis que compõe a complexa fisionomia da cultura mineira, por se investir de caráter heterogêneo. Em artigo intitulado “Sou do mundo, sou Minas Gerais”, José Murilo de Carvalho enfatiza a frequência, na formação dessa cultura, de dilemas da modernidade como parte de um diálogo de alcance universal:

*Também não quero diluir a mineiridade em mera reprodução de culturas externas ou em conflito dentro de nossas cabeças. Basta-me vê-la envolvida num debate que transcenda as porteiras das fazendas, os limites estaduais, as fronteiras do país. Basta-me vê-la presa nas malhas de um movimento universal de idéias e valores, mesmo que com isto ela perca nitidez de contornos e se instale em seu coração a angústia da incerteza.*<sup>4</sup>

O desenho desta cultura local, desprovida de forte lastro identitário, por resultar da mistura de singularidades ligadas ao índio, ao branco europeu e ao negro, se filia ao teor heterogêneo de sua produção artística, o que comprova a genialidade barroca de Aleijadinho. Ao se apropriar da estética européia barroca e revitalizá-la

por meio do olhar desconstrutor e revolucionário da criação, sua obra vai além do modelo, ao lançar as “chispas da rebelião”, “surgidas da grande lepra criadora do barroco nosso”, na interpretação de Lezama Lima em *A expressão americana*. Mário de Andrade, em artigo de 1935 sobre o escultor, reconhece o valor que sua obra representa para a reivenção de uma arte nacional, no intuito de desfazer, mestiçamente, modelos e paradigmas estéticos europeus. Aleijadinho seria, nas palavras de Mário, aquele que “profetizava americanamente o Brasil”. Veicula-se, por conseguinte, a necessidade de pensar a cultura mineira dentro de um espaço que ultrapassa as fronteiras entre a Europa e o Brasil, ao inseri-la no âmbito da América Latina. Novas reconfigurações identitárias são reativadas pela aproximação artística e literária de ordem intercultural e intercontinental, graças ao aspecto heterogêneo da própria Arte local.

Marcados sempre pela atração atávica do exílio voluntário, intelectuais mineiros residentes fora do Estado continuam seduzidos pelos lugares de origem, ao assumirem a escrita como forma de retorno imaginário à terra natal, ou de desejo em decifrá-la: “Eu escrevo para entender a loucura que é Minas Gerais”, como assim se expressa Autran Dourado. Na obras de poetas e memorialistas, torna-se lugar-comum a revisita a Minas, ainda que pela magia da ficção, reforçando o ganho poético como suplemento à perda do passado. Nos versos de Carlos Drummond de Andrade, destaca-se a construção lenta do sujeito moderno, ao deixar os becos tortos da terra natal para se perder na geometria dura das ruas de Belo Horizonte:

*Quando vim de minha terra,/ não vim, perdi-me no espaço,/ na ilusão de ter saído. / Ai de mim, nunca saí./ Lá estou eu, enterrado/ por baixo de negras sombras,/ por baixo de lavras de ouro, / por baixo de gerações,/ por baixo, eu sei, de mim mesmo,/ este vivente enganado,/ enganoso.*<sup>5</sup>

4. CARVALHO, José Murilo de. Sou do mundo, sou de Minas Gerais. In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1198, p. 10-11.

5. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Farewell*. Rio de Janeiro: Record, 1996. P. 21.



## Colecionar é deslocar tradições

O comportamento do leitor dessa Coleção deveria se inspirar na lição de Walter Benjamin, que se considerava um autêntico e apaixonado colecionador de livros. Rodeado de mil tomos, de variada literatura, afirmava que o bibliófilo, ao adquirir um livro velho, assumia o poder de lhe dar nova vida. Na sua obra, Benjamin repete o processo revitalizador do bibliófilo, transformando-se em colecionador de citações, arrancando os fragmentos de seu contexto e os organizando numa forma nova, sempre arbitrária e nunca definitiva. Lê, coleciona e desloca a tradição, por um processo simultâneo de conservação e destruição.<sup>6</sup> Yvette Sánchez, no livro *Coleccionismo y literatura*, completa o pensamento de Benjamin:

*El libro exige vecindad y complemento, necesita el contexto de otros libros, a los que remite.*

6. BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 229.

*La biblioteca facilita la transtextualidad concreta, física, el hallazgo y la producción de referencias entre las piezas individuales de la colección. Ya que se repite el proceso de formar parte de un todo dentro de las tapas de un solo libro, éste contiene en si una biblioteca en miniatura.*<sup>7</sup>

Outro espaço de locação da Coleção Mineiriana é o virtual, complemento de seu espaço real, com vistas a atingir número maior de usuários. Nesse novo meio de divulgação e exposição digital, a biblioteca é novamente redimensionada, com o objetivo de se tornar acessível ao leitor, por meio de ferramentas que permitem sua inserção na rede de bibliotecas e coleções afins. Se antes ocupava só o espaço físico e fixo de uma biblioteca, a Coleção, ao entrar na *world wide web*, ou resultar da produção de um CD-ROM, entra em outro espaço de consulta, o que reforça a perda das particularidades auráticas dos objetos e dos autores. Nessa transposição para o virtual, embora sejam ainda preservadas as diferenças e os territórios que singularizam as coleções, resquícios de conservadorismo e de propriedades culturais se rendem à natureza precária dos saberes contemporâneos. A universalização da informação via digital, com os benefícios e as desvantagens que acarreta, projeta a Coleção no espaço que sempre esteve: entre culturas, sob diferentes olhares e desprovida de limitações de ordem local. A cultura mineira, com seu lastro erudito e popular, libertária, conservadora e progressista, ganha sobrevida e se reconfigura, por meio do apelo contínuo e infindável de seus leitores de hoje e sempre.

Texto publicado em:

In: CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. *Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa: 50 anos de cultura*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2006. 109 p.

**ENEIDA MARIA DE SOUZA**

professora emérita da UFMG, é autora de *A pedra mágica do discurso*, *Crítica Cult* e *Tempo de pós-crítica*, entre outros títulos.

7. SÁNCHEZ, Yvette. *Coleccionismo y literatura*. Madrid: Ed.

# 40 ANOS

## Coleção

# MINEIRIANA

João Antônio de Paula

**C**ompartilhamos, os mineiros, com os povos ibéricos uma irresistível necessidade de interrogarmo-nos. No caso dos peninsulares esta interrogação é tão antiga quanto a constatação de que os tempos de esplendor, o século XV, que é o do milagre português, o dourado século XVI espanhol, passaram, irremediavelmente, deixando no lugar tanto frustração, quanto perplexidade. Afinal, o que teria determinado a virada, a instalação da decadência no que, por dois séculos, pareceu glorioso?

De Camões ao Padre Vieira, de Cervantes a Ortega y Gasset, de Antero de Quental a Pedro Laín Entralgo, os pensadores ibéricos

se debruçaram, esperançosos, alguns, céticos, outros, sobre as “causas da decadência dos povos ibéricos”, sobre Espanha e Portugal como problemas, com respostas que, variando de tom, cáusticas, algumas, compassivas, outras, não deixaram de figurar certo traço comum, que é a nostálgica reverberação de um passado glorioso, que parece, definitivamente, encerrado.

No caso mineiro, é outra a motivação instigadora da recorrente interrogação sobre Minas. Não é a nostalgia de um passado glorioso, que se foi, que move a perquirição sobre Minas. Motiva-nos, a todos que têm se debruçado sobre Minas, o mistério de sua inumerável variedade, sua multiplicidade: as várias Minas, de nenhum

modo convergentes, que, sem pretensão de ser exaustivo, Guimarães Rosa viu mais de uma centena.

A inquirição sobre Minas, sobre seu mistério, tem ensejado a construção de tentativas de síntese. Aires da Mata Machado Filho disse ter sido o General Couto de Magalhães, singulárrima figura de mineiro, quem primeiro teria usado a palavra mineiridade como qualificativo do natural de Minas. Palavra que tem tido existência equívoca e controversa.

Sobre a mineiridade talvez possa se dizer o que se diz sobre a fama, que ela é o conjunto dos mal-entendidos, que se lhe apõem acumulam sobre ela. Se é assim, então será o caso de falar da Coleção Mineiriana como o inventário desses mal-entendidos, e que, no entanto, não podemos evitar porque resultado de uma longa e recorrente indagação: afinal, o que é Minas; qual a substância do seu mistério; Minas há; continua havendo?

Ernst Cassirer referindo-se à extraordinária biblioteca do Instituto Warburg disse que “uma biblioteca não é uma simples coleção de livros, e sim uma soma de problemas” (SETTIS, 2000, p. 112) Uma soma de problemas, eis a Coleção Mineiriana: 1) como e em que sentido a produção de ouro e diamantes influenciou a vida econômica, política, cultural e social de Minas; 2) qual o significado e as implicações da precoce urbanização de Minas Gerais e a igualmente precoce diversificação de sua economia; 3) como explicar a constituição em Minas Gerais de um relativamente denso sistema cultural formado por uma rede de produtores, veículos e consumidores de bens simbólicos; 4) qual o impacto sobre a religiosidade e a cultura mineiras da proibição, entre nós, durante o período colonial, das ordens religiosas; 5) como explicar a grandeza de Antônio Francisco Lisboa, a inventividade dos artistas mineiros, Ataíde, Lobo de Mesquita, tantos outros, que, apropriando-se do repertório formal europeu, ressignificaram-no, transformaram-no em instrumento da afirmação de nossa autonomia; 6) como explicar que uma região tão marcada pelas revoltas, pelas rebeliões, pelas turbulências, que foi, entre os séculos XVIII e XIX, a capitania e a província com o maior número de quilombos no Brasil, que esta terra, que o Conde de Assumar, no “Discurso Histórico e Político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720”, dizia que “evapora tumultos; a água exala



motins; o ouro toca desaforos; destilam liberdades os ares: vomitam insolência as nuvens; influem desordens os astros; o clima é tumba da paz e berço da rebelião, a natureza anda inquieta consigo, e amotinada lá por dentro, é como no inferno”, como esta terra rebelde e turbulenta passou a significar, pelo menos para certo folclore político, a terra da acomodação e da conciliação. 7) como explicar, ainda, que esta terra religiosa, discreta, austera, conservadora, terra de Bernardo Pereira de Vasconcelos, de Honório Hermeto Carneiro Leão, pilares da centralização monárquica, também seja a terra de Tiradentes, de Teófilo Otoni, de João Pinheiro, de Juscelino Kubitschek, nomes decisivos da tradição republicana, da modernização econômica, política e institucional do País?

Uma Minas polifônica, se tem dito, uma Minas multifacetada, múltipla, irredutível às simplificações, aos unilateralismos, ambígua, ambivalente, que reuniu, num mesmo indivíduo, Bernardo Guimarães, por exemplo, tanto o romancista algo



convencional de A Escrava Isaura, quanto o autor daqueles extraordinários poemas, que são o Elixir do Pajé, A Origem do Mênstruo, A Orgia dos Duendes, devassos, divertidos e satânicos à moda de um Byron no sertão; que um jornal como A Folha de Minas, órgão oficial do decisivamente conservador PRM, também tenha acolhido a rapaziada modernista em seus desatinos, como nos mostrou Humberto Werneck (WERNECK, 1992)

Todas essas Minas, e mais outras, que elas continuam vindo, todos os inumeráveis caminhos de Minas, mesmo “os que não vão dar em nada”, estão na Coleção Mineiriana.

A vida cultural de Minas Gerais tem sido densa e diversificada desde a primeira metade do século XVIII. Mesmo antes do apogeu da

produção aurífera – 1730/1760 – a região deu mostras de apego às manifestações artísticas, sob inspiração de matriz barroca, como se vê nos grandes eventos religioso-festivos, como: O Triunfo Eucarístico, de 1733, que comemoraram a inauguração da Igreja do Pilar de Ouro Preto, cujo relato, de autoria de Simão Ferreira Machado, foi publicado em Lisboa, em 1734; e o Áureo Trono Episcopal, de 1749, que registrou as festividades por ocasião da chegada do 1º bispo de Mariana, D. Frei Manuel da Cruz.

Os registros daquelas duas grandes festas, que reuniram elementos religiosos e profanos, aquelas projeções do mundo barroco em Minas Gerais, como nos mostrou Affonso Ávilla, estão entre as obras imprescindíveis de uma Coleção Mineiriana. Antes destas obras, em

1711, o jesuíta João Antônio Andreoni, chamado Antonil, publicou o livro “Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas”, em que há descrição e análise criteriosa da realidade econômica da então jovem capitania das Minas Gerais, e que é, também, obra indispensável em uma Mineiriana.

“Quantos livros obscuramente publicados em cidades do interior podem nos informar muito sobre as instituições de nossas vilas e cidades, seus homens, suas ações e seu folclore ou sua arte? E o que está acontecendo de novo na criação, na poesia e no romance, subterrânea e marginalmente, em revistas e folhetos. Não vive a “Coleção Mineiriana” apenas do passado glorioso, mas se pretende também dinâmica e atuante no hoje.”

A vigência de sistemática censura, a vigência de proibição de imprensa na colônia, não impediram que houvesse significativa circulação de idéias em Minas Gerais. Desde o artigo seminal de Eduardo Frieiro, *O Diabo na Livraria do Cônego*, de 1945, muito avançou o conhecimento sobre a vida cultural da capitania, sobre a circulação de livros e idéias, evidenciando-se que as idéias novas, que as idéias libertárias e libertinas não frequentaram apenas a casa do cônego, inconfiante e professor do Seminário de Mariana, que o diabo andou à solta em bibliotecas de artistas, letrados, militares e mesmo bispos. (VILLALTA, 1992).

Ao lado dos acervos relativamente ricos de bibliotecas particulares, Minas Gerais abrigou,

a partir da fundação do Seminário de Mariana, em 1750, várias bibliotecas significativas no século XIX como a do Colégio do Caraça, fundado em 1820, como a da Escola de Farmácia de Ouro Preto, fundada em 1839, como a Escola de Minas de Ouro Preto, fundada, em 1876.

É também digno de registro a fundação, em 1831, da Biblioteca Pública de Minas Gerais, em Ouro Preto. Mais antiga que biblioteca pública de Minas Gerais é apenas a Biblioteca Pública da Bahia, fundada em 1811 (MORAES, 1979, p. 147). Na mesma direção, do pioneirismo e densidade da vida cultural mineira, são as experiências gráficas, em Ouro Preto, do padre José Joaquim Viegas de Menezes, de 1807 e 1822, ano em que fez funcionar a *Typographia Patrícia*; e do Secretário do Governo da Província, Luiz Maria da Silva Pinto, que montou, com recursos públicos, uma gráfica com tipos móveis em Ouro Preto, para imprimir a documentação necessária à administração pública e também imprimiu, em 1823, os primeiros periódicos da Província: *O Compilador Mineiro* (SEMERARO, 1979, p.p. 19-20), que circulou entre 1823 e 1824; e *A Abelha do Itaculamy* (PASSOS, 1952, p. 65), que circulou entre 1824 e 1825.

A Coleção Mineiriana, adotou este nome inspirado no exemplo da Coleção Brasileira, conjunto de livros sobre o Brasil, lançada pela Companhia Editora Nacional, a partir de 1932; e em consonância às diversas Bibliotecas Brasileiras, que tanto particulares e quanto entidades públicas, têm criado para reunir livros sobre o Brasil, de que é mais expressivo exemplo a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Em Minas Gerais há mais de uma Coleção Mineiriana, como o grande acervo reunido pelo Instituto Amílcar Viana Martins, ICAM; e a coleção reunida pela Biblioteca Professor Emílio Guimarães Moura da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

É de Laís Corrêa de Araújo, que foi Diretora da Biblioteca Pública Estadual Luis de Bessa, uma expressiva caracterização da Coleção Mineiriana, disse ela: “Quantas histórias regionais, estudos de costumes e da vida social

mineira, biografias e memórias significativas, andam por aí, dispersas e desconhecidas, apesar da contribuição que certamente oferecem ao conjunto `mineirice/mineiridade´? Quantos livros obscuramente publicados em cidades do interior podem nos informar muito sobre as instituições de nossas vilas e cidades, seus homens, suas ações e seu folclore ou sua arte? E o que está acontecendo de novo na criação, na poesia e no romance, subterrânea e marginalmente, em revistas e folhetos. Não vive a “Coleção Mineiriana” apenas do passado glorioso, mas se pretende também dinâmica e atuante no hoje”. (ARAÚJO, (1974), 2008, p. 27)

Criada em 3 de agosto de 1969, a Coleção Mineiriana da Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa, faz parte de um momento particularmente significativo da história mineira e brasileira, os anos 1960, marcados por perplexidades, desafios, frustrações,

constrangimentos, derrotas, que obrigaram a sociedade brasileira a se repensar, a buscar reconstituir os caminhos de sua reconstrução democrática.

Em Minas Gerais, os anos 1960, antes e depois de 1964, foram tempos de intensa atividade política, à direita e à esquerda. Se a direita mineira está na base do golpe de 1964, em Minas também foi forte a luta contra a ditadura, com marcantes manifestações de resistência e combatividade, de que é exemplar a greve de Contagem, de abril de 1968, primeira grande mobilização operária desde 1964.

De fato, foi forte em Minas Gerais a resistência ao golpe mobilizando estudantes, trabalhadores, intelectuais, seja na ação política direta, seja mediante a busca de referências e projetos capazes de confrontarem a imposição do projeto anti-democrático, anti-popular e anti-nacional representado pela ditadura militar.



É neste contexto, que surgem, no âmbito mesmo da burocracia estatal, instituições, estudos e projetos referenciados na tradição nacional-desenvolvimentista exemplarmente sintetizados na elaboração do Diagnóstico da Economia Mineira, por equipe do BDMG em colaboração com professores da UFMG, e na criação da Fundação João Pinheiro.

Faz parte dessas iniciativas, que visavam repensar Minas Gerais, seu passado, sua cultura, suas virtudes e vocações, suas potencialidades e desafios, o projeto elaborado por grandes nomes da intelligentsia mineira como Eduardo Frieiro, Affonso Ávila, João Camilo de Oliveira Tôrres, Aires da Mata Machado Filho, Antônio Joaquim de Almeida, Francisco Iglésias, Lúcia Machado de Almeida, Hélio Gravatá, entre outros nomes, que criou a “Coleção Mineiriana por meio do Decreto nº 11.996, de 5 de agosto de 1969: com o objetivo de formar “um acervo de obras sobre Minas Gerais, sua História, Letras, Artes, Ciências da Terra e do Homem”, a Mineiriana se destina, prioritariamente, a preservar e divulgar a memória do Estado, por meio da reunião de obras significativas de nossa cultura”. (SOUZA, 2006, p. 84)

A coleção começou modesta. Em 1971, a bibliotecária Lêda Francisca Vianna Penna, publicou o catálogo da Seção de história da Coleção Mineiriana, que listava apenas 247 obras, assim classificadas: obras gerais; história do período colonial; bandeiras e bandeirantes; Guerra dos Emboabas; Inconfidência Mineira; Rebelião de 1842; Guerra do Paraguai; Abolição da Escravatura; Proclamação da República; Revolução de Outubro de 1930; além de 167 obras de histórias de municípios mineiros. (PENNA, 1971) Em 2006 o acervo da Coleção Mineira, segundo Eneida Maria de Souza, já contava com cerca de 8.000 livros, além de revistas, discos, fitas cassetes, fotos, cartões postais, recortes de jornais, CD-ROMS, fitas VHS, mapas, entre outros materiais. (SOUZA, 2006, p. 64)

A evolução do acervo da Coleção, qualitativa, e quantitativamente, a diversificação dos

Saber que livros uma época, lê e aprecia, saber como os livros são lidos e apreendidos, é compreender uma época e seu mundo.

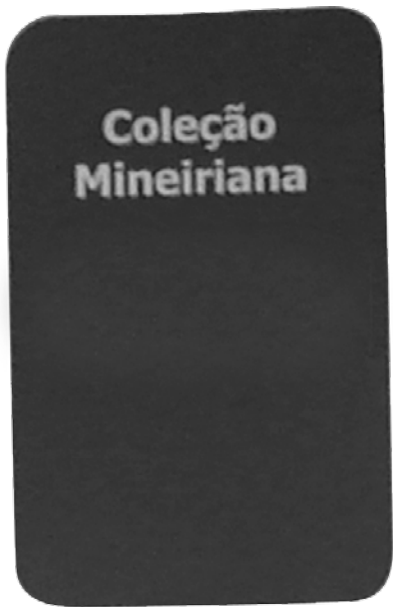
seus suportes, reflete as vicissitudes da pesquisa e da reflexão sobre Minas, em variadas áreas do conhecimento, o decisivo impacto da implantação e desenvolvimento da pós-graduação no Brasil e em Minas Gerais, e o expressivo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação em curso, que ampliaram, exponencialmente, as possibilidades de acesso e armazenamento de informações.

A Coleção Mineiriana tem sua história ligada a grandes nomes da cultura mineira, que a conceberam e implantaram, mas deve igualmente muito, às várias equipes, que é preciso homenagear nas pessoas de Carmen Pinheiro de Carvalho e de Maria Augusta da Nóbrega Cesarino, entre outros nomes, que a tem construído com lucidez e dedicação.

Coleção rigorosamente aberta e ilimitada, a Mineiriana, se é repositório de obras raras, de preciosidades bibliográficas, é também a reunião de vasta e heteróclita produção de memórias, corografias, histórias locais, prosa e poesia vagas, que não sendo expressões da cultura erudita, não são menos constituintes do tecido cultural sem o qual não emergem o gênio, e o maravilhoso.

Uma biblioteca, disse Otto Maria Carpeaux, é o barômetro do seu tempo, mesmo que involuntariamente, em suas ênfases, em suas omissões, porque também elas são escolhas. Saber que livros uma época, uma sociedade, lê e aprecia, saber como os livros são lidos e apreendidos, é compreender uma época e seu mundo.

A Coleção Mineiriana é um decisivo instrumento para a compreensão de Minas Gerais, suas especificidades históricas e naturais, sua cultura, seus desafios e possibilidades. E falando de Minas Gerais, a Mineiriana também fala do Brasil como viu Franklin de Oliveira – “Estou profundamente convencido de que ninguém compreenderá o Brasil, na complexa densidade de suas raízes, e, portanto, estará em condições de empreender com sábia lucidez a tarefa ciclópica de sua transformação, se não conhecer toda a intimidade da civilização do ouro e dos diamantes: a sua estrutura econômica, a sua ordem política, a sua dimensão



espiritual. Temos em Minas não só o que o Brasil foi, mas o que o Brasil é, e o que poderá vir a ser”. (OLIVEIRA, 1967, p. 4)

Minas Gerais tão rotineira, quanto vertiginosa, tão acessível, quanto reservada. Quantos não a têm visto assim e reiterado a existência de um certo mistério mineiro? O “espírito mineiro”, disse Carlos Drummond de Andrade, aquele capaz de “lançar um claro raio ordenador” viu assim a gente mineira: “que, de humilde, era orgulhosa e fazia da crosta mine-ral um solo humano em seu despojamento” gente talvez “circunspeta” mas que encerra “uma partícula de fogo embriagador”, que é sempre o caso de convocar.

Saudemos os 40 anos da Coleção Mineiriana, que ela não nos deixa esquecer do melhor que já fomos, e que podemos superar.

**JOÃO ANTÔNIO DE PAULA**  
é professor de Ciências Econômicas da UFMG  
e autor de *Presença de Francisco Iglésias* e  
*Raízes da Modernidade em Minas Gerais*.

Referências

ARAÚJO, Lais Corrêa de. “Mineirice – Mineiridade-Mineiriana” in CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (org.) *Olhares sobre Minas: Sugestões de Leitura*. Belo Horizonte, SECMG/Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2008.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. São paulo, Livros Técnicos e Científicos/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979.

OLIVEIRA, Franklin de. *Morte da Memória Nacional*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

PASSOS, Alexandre. *A imprensa no Período Colonial*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1952.

PENNA, Lêda Francisca Vianna. “Catálogo da Coleção Mineiriana – História. Bibliografia” in “*Boletim da Biblioteca Pública de Minas Gerais Professor Luís de Bessa*”. Ano I, Belo Horizonte, Janeiro de 1971, nº 2.

SEMERARO, Cláudia Marino. “Início e Desenvolvimento da Tipografia no Brasil” in BARDI, P. M. (Org.) *História da Tipografia no Brasil*, São Paulo, MASP/Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979.

SETTIS, Salvatore. “Warburg Continuatus”. Descrição de uma Biblioteca. In BARATAIN, Marc e JACOB, Christian (orgs.) *O Poder das Bibliotecas. A Memória dos Livros no Ocidente*. Trad. port., Rio de Janeiro, EURJ, 2000.

SOUZA, Eneida Maria. “Coleção mineiriana”. In CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (org.) *Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa. 50 Anos de Cultura*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais/ Superintendência de Bibliotecas Públicas.

VILLALTA, Luiz Carlos. “O Diabo na Livraria dos Inconfidentes”. In NOVAES, Adauto (org.) *Tempo e História*, São Paulo, Companhia das Letras/SMCSP, 1992.

WERNECK, Humberto. *O Desatino da Rapaziada*. São Paulo, Instituto Moreira Salles/Companhia das Letras, 1992.

A idéia de apartar, em coleção localizada com destaque, o acervo referente a Minas estava na lógica peculiar à própria organização da Biblioteca Estadual. Tal como hoje se apresenta, conserva alguns traços inconfundíveis que distinguem a feição mental de quem a concebeu – o escritor Eduardo Frieiro.

Acontece que, entre essas particularidades de fisionomia literária, avulta o amor dos assuntos mineiros, até a confessada paixão das brochuras impressas no interior do Estado, em pobreza tipográfica ingênua e limpa. Quando o conheci, o insaciável leitor de autores estrangeiros reagia contra a maré montante de nacionalismo literário, a meu ver fecunda, que, ao arrepio da placidez notada no regime da oscilação literária, rasgava efetivamente novos rumos, na decisiva década de trinta. Ao cabo de contas, o que bulia com seus nervos bem equilibrados eram os exageros, que habitualmente caracterizam esses movimentos inaugurais. Na plena liberdade da conversação desatada, mais que nos escritos comedidos, afetava desdém para tudo quanto fosse recente publicação de brasileiro.

# PERSPECTIVAS

Inversamente, comprazia-se em louvar as novidades de fora, conhecidas através das numerosas revistas brancas de sua preferência. Afetava é o termo porque, ao mesmo tempo, era capaz de enternecer-se com as brochurinhas de ignoradas tipografias e, tendo de batizar, com rótulo imaginário, edições do autor, foi escolher justamente a palavra pindorama. Com o selo dessa ficção editorial, retintamente nacionalista, saiu publicado O Mameluco Boaventura, fruto de cuidadosas leituras de antigas crônicas mineiras e de tudo quanto se relacionasse com o estabelecimento da ordem das turbulentas montanhas.

Ora, tudo isso evidencia estreita aliança entre o regional e o universal, aspectos complementares, nunca antagônicos, especialmente nos espíritos seletos do naipe de Eduardo Frieiro. E na largueza de visão que essa aliança postula, os fundamentos referenciais e o sentido amplo característico da Biblioteca Pública só vieram a favorecer o empenho em dotá-la, quanto possível, de raridades e de publicações correntes acerca de pessoas e coisas de Minas Gerais.

A tradição que se manteve, agora prossegue com ímpeto renovado, já que o Secretário do Trabalho e Ação Social – não fosse ele professor e latinista – houve por bem institucionalizar a Mineiriana, adentro da Biblioteca Estadual. Para tanto pôde contar com a comprovada compreensão que o Governador Israel Pinheiro tem demonstrado em relação aos assuntos de ordem cultural.

A simples providência de arranjo e de catalogação já importa incitante convite à leitura, quase tudo, afinal, nesse terreno. E há mais. A coleção especializada, que releva enriquecer constantemente, redundando em estímulo à procura de livros perdidos ou transviados, na valorização real de ignoradas preciosidades, até no estímulo a doações, por mais que dar chegue a doer, principalmente entre bibliófilos e bibliômanos, com exceção, valha a verdade, de quem organizou a biblioteca e de quem lhe empresta o nome, Luís de Bessa, que de ambos procedem generosos presentes, integrados, precisamente, na Mineiriana. Como quer que seja, esses e outros propósitos e anelos incluem-se no próprio texto legislativo que infunde vida e vigor à bem fadada coleção de livros.

Os bons auspícios que a bafejam já se manifestaram em atos e fatos relevantes. Como o Secretário Geraldo Sardinha Pinto timbrasse em deliberar com audiência dos mais interessados, por diversas vezes convocou ao seu gabinete os próprios trabalhadores intelectuais que sabem, melhor que ninguém, o que essas coisas significam. As reuniões a que presidiu ensejaram fecundas trocas de opiniões,

Aires da Mata Machado Filho

# DA MINEIRIANA

que vincaram ainda mais fortemente a consciência das responsabilidades. Daí, a redação de textos exequíveis para a legislação necessária e a constituição de comissão que, em colaboração estreita com a diretoria da Biblioteca ‘Professor Luiz de Bessa’, facilitará a consecução dos propósitos que a todos animam.

Figura entre esses o de ir transformando a Mineiriana em Centro irradiador de pesquisas bibliográficas e congêneres, como poderoso acicate a iniciativas culturais de imediata ou mediata repercussão na comunidade. Tais as conferências e os seminários, tal a publicação de obras mineiras, básicas para os estudos concernentes à nossa realidade regional – livros clássicos de vários assuntos que não há jeito mais de conseguir desencavar, tão exíguas foram as tiragens, nas heróicas tipografias do interior, às quais devemos tanto.

Aí está. O que parece limitar-se a mera providência de arrumação de livros, pode tornar-se até o caminho certo para a realização de aspirações dificultosas, tormento antigo dos nossos trabalhadores intelectuais, teimosos em acalentá-las sempre, pelo proveito indiscutível que a sua consecução acarretará ao grande público. É continuar, já agora no plano da concretização, sem abdicar, é claro, do gosto para sonhar, segredo de qualquer vitória administrativa, quanto mais a desse tipo, relacionada com os valores de cotação inestimável.

**AIRES DA MATA MACHADO FILHO**  
(1909-1985), mineiro de Diamantina, autor de vasta obra no campo da Linguística, Gramática e Filologia.

Laís Corrêa de Araújo

# Mineiriana

# Mineirice

# Mineiridade

Se a “mineirice” é um estilo individual consciente, a “mineiridade” é outra dimensão de estilo de vida, na peculiaridade de uma experiência sensorial de adequação do homem a seu meio-ambiente, um destino, sagrado e intocável...

**P**edro Nava, em suas famosas memórias, diz a certo ponto preferir a expressão “mineirice” à sofisticada “mineiridade”, argumentando quanto à personalidade do homem das Minas, seu jeito de ser matreiro, a meio entre a malícia e a ingenuidade, entre a solércia e a desconfiança, esta sabedoria inata de contactar com os outros, esgueirando-se, deslizando, com habilidade e astúcia disfarçadas sob a camada exterior de timidez e reserva. Parece-nos que a “mineirice” é realmente uma característica única e típica do homem da montanha, inserto numa solidão que ao mesmo tempo oprime e lhe exige uma atitude de “pé-atrás” que não pressupõe uma

opção e uma definição, mas sim um meditar, a seu modo maquiavélico, entre opções e definições possíveis, ponderadas em subterfúgios que lhe ocultam o pensamento e lhe possibilitam desvios e contravoltas de modo a situar-se comodamente em seu estar-no-mundo.

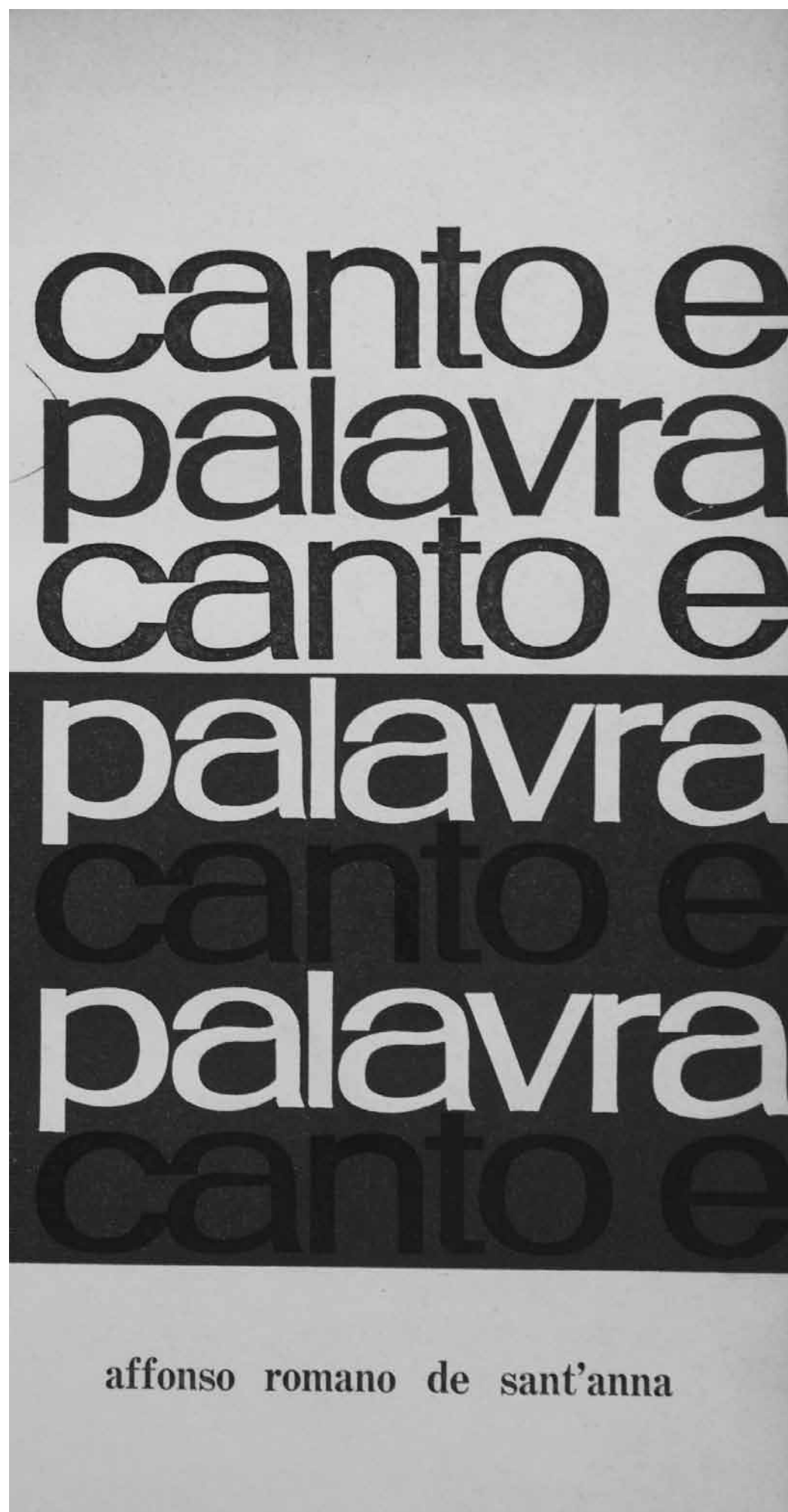
Mas se a “mineirice” – com seu implícito tom depreciativo – é atitude e método do homem para defender-se e algumas vezes atacar estrategicamente as imposições da vida em comum, a “mineiridade” é um sentimento maior, isento de conotações individuais, ligado a uma consciência da terra, a uma condição objetiva de harmonia dinâmica

com a terra, com essa “forte arma” de permanência, raízes que resistem mesmo transplantadas, como unidades fundamentais e quase místicas, ao empenho de desagregação de sua entidade regional, por assimilação a integração do vivente àquele “quem das coisas”, à “matéria vertente” ou às “vertentes do viver” (GR).

Se a “mineirice” é um estilo individual consciente, a “mineiridade” é outra dimensão de estilo de vida, na peculiaridade de uma experiência sensorial de adequação do homem a seu meio-ambiente, um destino, sagrado e intocável, feito de pungência e ternura, torturados sonhos se alargando no sem horizonte do sertão ou se domando nas ancas da montanha. A “mineirice” é uma ação política (e, como tal, é que se mostra bem em nossa história de província), enquanto a “mineiridade” é uma vivência inteirada, mesmo em distância ou ausência, para o longo prazo de todo o tempo, bagagem que carregamos como peso inalienável de ter nascido aqui.

Quando a Biblioteca Pública Estadual levantou o problema da criação de um Serviço especial, destinado a organizar e implantar em sua estrutura administrativa uma coleção separada da bibliografia relativa a Minas Gerais, um dos primeiros problemas colocados pela Comissão encarregada de adotar as providências adequadas a seu funcionamento foi o *nome* a ser dado a esse Serviço. Mestres de nossa “mineiridade”, tais como Eduardo Frieiro, Francisco Iglésias, João Camilo de Oliveira Torres, Affonso Ávila, Lúcia Machado de Almeida, Aires da Mata Machado Filho, Hélio Gravatá, entre outros, se reuniram para definir as finalidades e atribuições do Serviço, e começaram por discutir o título a ser dado à nova seção especializada: “Coleção de Obras Mineiras”, “Coleção de Minas”, “Serviço de Documentação Mineira”? etc, etc. Nada parecia *assentar bem* ao que se pretendia criar. Por analogia com a chamada “Brasília”, adotou-se, finalmente, o nome de “Coleção Mineiriana”, embora alguns protestos de que a palavra não tinha boa ressonância. E por que não?

“Fui servido criar Cidade a dita Villa do Rybeirão do Carmo, que ficará chamandose Marianna”...



Mariana, por D. Mariana d'Austria, ou por Maria, a Virgem? Como Cristiana, de Cristo, Marciana, de Marte, por exemplo? A derivação e composição na língua portuguesa não dispensam o expressivo toque feminino do “ana”: republicana, americana, pernambucana, humana. Por que recusar então esse termo tão simpático – “Mineiriana” – com sua noção coletiva e de reunião, coleção de obras e documentos de e sobre mineiros?

O fato é que o nome ficou e a Coleção Mineiriana aí está, preservando para a posteridade – ou servindo aos pesquisadores de hoje – a nossa “mineirice”, a nossa “mineiridade”. Para isso, a Biblioteca Pública Estadual organizou e mantém um acervo bibliográfico e de documentos afins sobre Minas Gerais, sua história, sua cultura, seu homem e suas peculiaridades. Reveste-se, portanto, de importância fundamental e que não se restringe ao nosso Estado: Minas falou e agiu muitas vezes pelo Brasil, bastando lembrar os passos pioneiros de Felipe dos Santos, do Tiradentes, do Aleijadinho, da literatura da Arcádia, a significação econômica e social do ciclo do ouro, a expressão arquitetônica e cultural do barroco aqui renovado, a sua presença nos vários momentos políticos nacionais, os serviços relevantes prestados à cultura por nossos poetas, ficcionistas, artistas.

O seu acervo ainda não é completo nem o ideal. A “Coleção Mineiriana” precisa ser conhecida e merecer o apoio de todos que compreendem a sua alta finalidade. A aquisição de patrimônio não se pode fazer com a devida regularidade, porque muitas das obras de que necessita não se encontram facilmente à venda, por esgotadas, por terem se tornado raridades, por deficiências de nosso mercado livreiro e, sobretudo, pelo interesse que tem por Minas todo o País, disputando-nos o que nos pertence de direito e de fato. É preciso que se divulgue e se promova a “Coleção Mineiriana”. O que já possui em livros, folhetos, periódicos, boletins, relatórios, volantes diversos, e outras espécies de material de consulta, merece – como excelentes fontes de pesquisa – a atenção de todos. É preciso, ainda, que os historiadores, compreendendo os objetivos da “Mineiriana”, se lembrem de responder “*presente*”, doando-lhe aquelas obras de sua autoria que porventura não se encontrem no comércio. Quantas histórias regionais, estudos de costumes e da vida social mineira, biografias e memórias significativas, andam por aí, dispersas e desconhecidas, apesar da contribuição que certamente oferecem ao conjunto “mineirice/ mineiridade”? Quantos livros obscuramente publicados em cidades do interior podem nos informar muito sobre as instituições de nossas vilas e cidades, seus homens, suas

ações, seu folclore ou sua arte? E o que está acontecendo de novo na criação, na poesia e no romance, subterrânea e marginalmente, em revistas ou folhetos? Não vive a “Coleção Mineiriana” apenas do passado glorioso, mas se pretende também dinâmica e atuante no hoje.

Na obra-buriti roseana, cada dia mais viçosa nas veredas literárias da experiência confessional redimencionada no “boitempo” drumondiana, na carta-do-solo e do código-de-minas de Affonso Ávila, na satírica e icônica visão de Sebastião Nunes, no conto mágico de Murilo Rubião, às perturbadoras novelas de Rui Mourão ou às hipóteses criativas de Sérgio Sant’Anna, Minas subsiste ainda e sempre, transformando-se e vigorando ela mesma. Em luminárias de nobreza e fausto, apogeus e quedas periódicas, esta Minas Gerais de contrastes – resíduos barrocos – de ouvidores/ poetas e dentistas/ revolucionários, de aleijados/ escultores e mulatos/ compositores, de grandiosos ou populares ataídes, de unção e ostentação religiosa, da mesquinha economia do feijão-angu-e-couve e da hospitalidade generosa, do conservadorismo e do liberalismo, de humildade ou gestos heróicos, persiste, vigora.

Imutável e eterna em sua mineirice, mineiridade, mineiriana vida de província, preservada até em sua capital progressista, na arrojada Igreja da Pampulha, nas rosas que ainda perfumam a Praça da Liberdade, na limpeza do céu azulinho de maio desmentindo a poluição de sua indústria, nos crepúsculos que avermelham de escândalo as torres de televisão, as Gerais se guardam em sua verdade mais profunda.

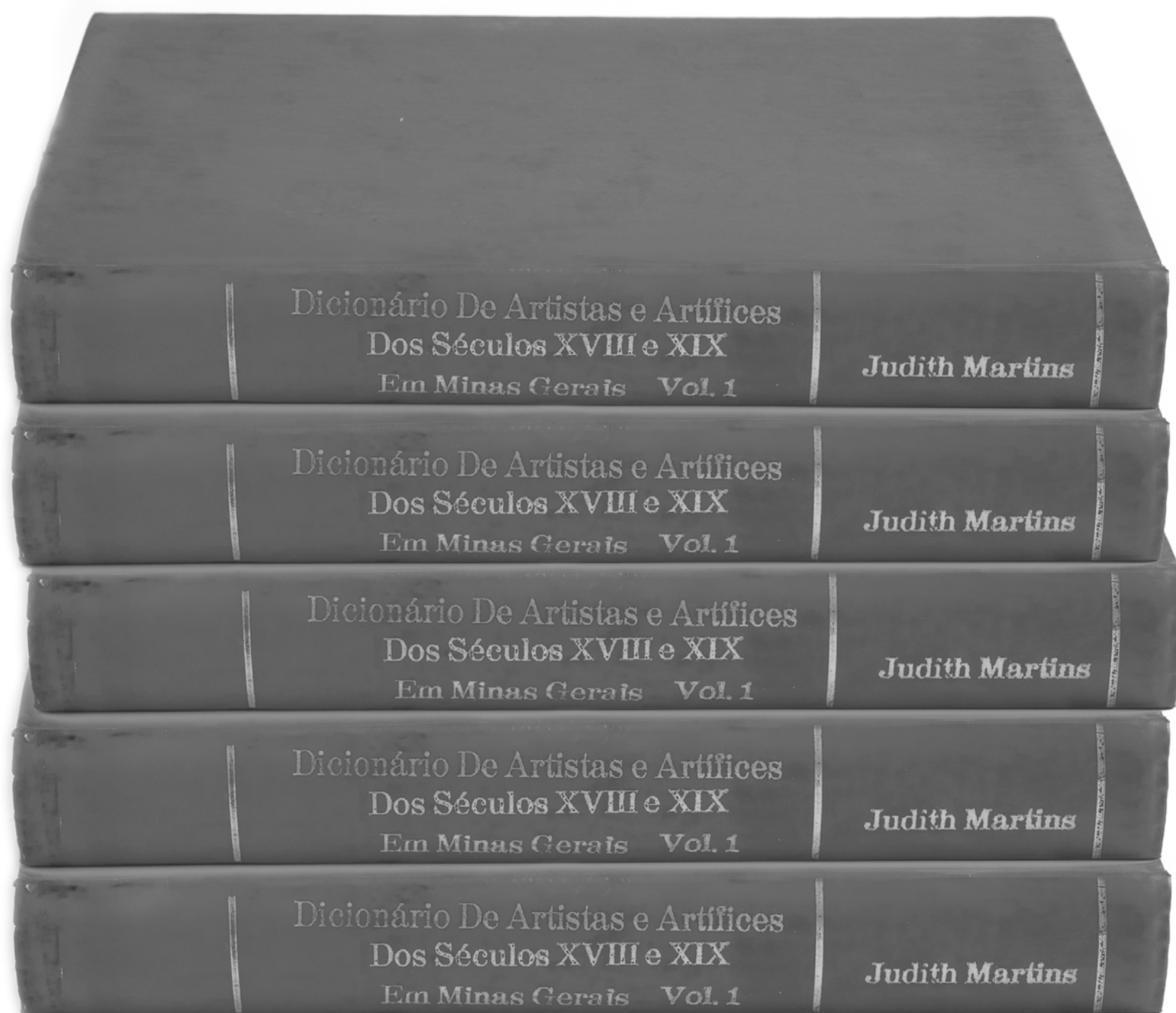
É uma forma de guardar-se para o futuro – protegendo o seu passado e vivendo o seu presente – é esta “Coleção Mineiriana”, em que trabalhei com tanto entusiasmo e à qual faço, de público, esta declaração de amor.

**LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO**

(1928-2006), poeta nascida em Campo Belo – MG, escreveu diversos livros de poesia, como Cantochoão e Decurso de prazo.

Guimar de Grammont

# MINA DE



# HISTÓRIA

Ainda me lembro da primeira vez em que tive contato com a Coleção Mineiriana. Estava fazendo minha tese de doutorado na USP e minhas investigações sobre o conceito de barroco acabaram por me conduzir a Lezama Lima. O grande poeta e ensaísta cubano desenvolvera a teoria da contra-conquista que, à semelhança da antropofagia modernista, pensava a cultura latino-americana como um composto em que a cultura européia é apropriada e transformada em formas híbridas, em manifestações singulares que conservam, porém, a memória das referências artísticas do colonizador. Lezama propõe a imagem do “senhor barroco” como o agente desse processo de constituição da identidade latino-americana e menciona como exemplos dessa figura o índio Kondori, de Potosí, e Aleijadinho. A partir da comparação entre a contra-conquista de Lezama e a antropofagia modernista, interessei-me, então, pelo Aleijadinho, como essa espécie de herói antropofágico, tal como o descreve Mario de Andrade em seus textos lúdicos, onde pululam termos saborosíssimos, ora extraídos da linguagem mestiça do Brasil, ora neologismos criados pela extraordinária inventividade do modernista.

Comecei, então, a empreender uma busca por todos os documentos, livros e artigos que se referissem ao Aleijadinho. O trabalho me conduziu, assim, a uma pesquisa arqueológica de como se deu a história da construção desse personagem em cada contexto de formação de uma arte “nacional” no Brasil. Minha tese, apesar de ter sido tão mal-compreendida quanto pouco lida, é uma grande homenagem a Minas e a seus artistas, muitos deles, hoje, completamente esquecidos. Vasculhei diversas bibliotecas e arquivos e me fascinaram, desde o primeiro momento, diversas contradições e nuances inesperadas na constituição do mito do Aleijadinho. Quem já fez uma tese, sabe como é, cada referência nos conduz a outro livro ou artigo, a tal ponto que o mais difícil é encontrar o momento de parar a pesquisa das fontes. Sobre tudo quando estamos nos debruçando sobre um tema que nos apaixona, como era o meu caso.

Já não me lembro mais o que me levou à Biblioteca Pública, em Belo Horizonte, mas sei que, com certeza, foi a busca de algum livro ou artigo que não conseguira encontrar em nenhum outro lugar. Me informaram que, na Biblioteca, eu iria certamente encontrar o que procurava. Porém, quando lá estive pela primeira vez, não sabia ainda da existência da Coleção Mineiriana: foi uma descoberta maravilhosa. Mal cheguei e informei o que eu procurava, me conduziram aos aposentos onde se encontram todas as preciosidades sobre Minas Gerais que tornam a coleção tão especial. Tudo que eu precisava estava ali, fiquei absolutamente encantada.

O empenho das pessoas que, durante anos, procuraram reunir todos os documentos que se referissem a Minas Gerais, em seus múltiplos aspectos, foi fundamental para o desenvolvimento do meu trabalho. Na Mineiriana pude entrar em diálogo com diversos pesquisadores mineiros que me antecederam e aos quais prestei tributo na forma de referências. Ali, pude observar a intensa vivacidade do panorama intelectual de um estado que alguns julgam monolítico e apegado às tradições. Pelo contrário, Minas sempre antecipou a si mesma: original e inovadora em tantos campos intelectuais e artísticos, esteve sempre muito além do que imaginam os próprios mineiros.

A iniciativa de manter e ampliar a Coleção Mineiriana é fundamental. É preciso conservar para as novas gerações, a possibilidade de pesquisar, compreender e amar a história do mundo que as cerca. Em uma primeira visada, pode parecer estranho o empenho de reunir livros, artigos, periódicos e outros documentos apenas porque se referem ao Estado de Minas Gerais, mas, a meu ver, outros estados também deveriam imitar essa empreitada, se é que já não o fizeram. Conhecer o que está mais próximo de nós, nos torna mais capazes de apreender o que está mais distante, no tempo e no espaço. Toda região tem, entre inúmeras questões geográficas, políticas, econômicas, sociais, etc., também seus mitos, lendas e personagens significativos. O conhecimento desses aspectos

nem sempre está a serviço de uma concepção ingênua do que seria a “identidade” das pessoas que ali vivem. Essas histórias se transformam, sofrem variações, recebem outros sentidos. São passíveis de aceitação e discórdia, tiram sua força, muitas vezes, da polêmica. A concepção de uma comunidade compreendida no território de “Minas Gerais” é resultado da partilha de idéias tão vivas como os seres humanos que as produzem. Por isso é tão importante ter a oportunidade de conhecê-las, o que a Coleção Mineiriana, hoje, nos propicia. O tesouro que torna a coleção tão especial são as inúmeras doações voluntárias. As muitas Minas de Minas são a sua gente. O que torna a Coleção Mineiriana uma mina de histórias é o nosso esforço para doar e compartilhar com os outros o que temos de mais precioso. Todos nos beneficiaremos com esse gesto: quando mais colocarmos, mais receberemos de volta.

**GUIOMAR DE GRAMMONT**

mineira de Ouro Preto, venceu o Prêmio Casa de las Americas 1993, de Cuba, com o livro de contos *O fruto do vosso ventre*. É professora da UFOP e organizadora do Fórum das Letras de Ouro Preto.

# Significação da Mineiriana: DEPOIMENTOS

A través do Decreto nº 11.996, de 5 de agosto de 1969, o então Governador do Estado, Israel Pinheiro, criou a chamada COLEÇÃO MINEIRIANA, para integrar também o acervo da “Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa”. No mesmo dia em que saiu o Decreto regimentando a Coleção Mineiriana, foi criada uma comissão para estudar a organização, a conservação e a utilização do que viria a ser um conjunto de obras de autores de Minas Gerais. A comissão foi constituída naquela ocasião: o secretário do Trabalho, professor Geraldo Sardinha Pinto, como presidente; o escritor Afonso Ávila; o diretor de departamento de História da Faculdade de Filosofia, sr. Alfredo Marques Viana de Góes; o diretor do Museu do

Ouro, sr. Antônio Joaquim de Almeida; o professor da UFMG, Antônio Camilo de Faria Alvim; o diretor da Imprensa Oficial, dr. Paulo Campos Guimarães; o ministro Vivaldi Wenceslau Moreira; o presidente da Academia Mineira de Letras, sr. Cândido Martins de Oliveira; o presidente do Conselho Estadual de Cultura, sr. Demerval José Pimenta; os professores Augusto de Lima Júnior, Eduardo Frieiro, Aires da Mata Machado Filho, Francisco Iglésias e João Camilo de Oliveira Torres, o sr. Vicente Racioppi, o padre Francisco Maria Bueno de Siqueira; a escritora Lúcia Machado Bueno de Almeida; a bibliotecária Marina Camargos Tymburibá e a então Diretora da Biblioteca, Dra. Carmen Pinheiro de Carvalho.



A Coleção Mineiriana compõe-se de um acervo de obras sobre Minas Gerais, sua História, Letras, Artes e Ciências da terra e do homem. São suas finalidades: atividades destinadas a pesquisas e atualização de acervo; organização de bibliografias; intercâmbio com Instituições Públicas ou Particulares, nacionais e estrangeiras para permutas, doações, informações e outros serviços de colaboração; editar e promover a publicação de obras, bibliografias ou trabalhos de outra natureza relacionados com a Coleção; e a formação da Memória audiovisual de Minas.

Sobre este precioso acervo da Biblioteca Pública, a revista Duas Palavras ouviu as opiniões de alguns dos membros da atual Comissão Diretora, constituída por intelectuais os mais representativos da cultura mineira:

**Hélio Gravatá** (Bibliógrafo):

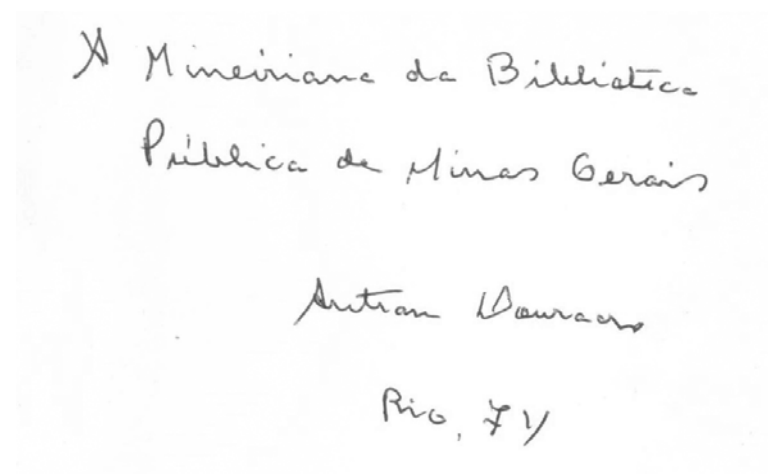
“Considero a ‘Coleção Mineiriana’ parte importantíssima do acervo da Biblioteca, porque preserva a memória do nosso Estado, em grande amplitude, tanto em obras sobre Minas como de autores mineiros. É uma coleção bem organizada, com pessoal capaz de prestar auxílio ao pesquisador, e que conta com títulos de grande valor e mesmo raros, reunidos ao longo do tempo, o que para um bibliógrafo como eu, representa subsídio básico à pesquisa.”

**Affonso Ávila** (Poeta):

“A dificuldade para quem pesquisa não reside, às vezes, no levantamento e identificação das grandes fontes, daqueles livros ou autores que apoiarão teoricamente o desenvolvimento de um dado trabalho. Há obras quase sempre consideradas **menores**, de âmbito temático menos ambicioso, às quais o acesso do leitor ou pesquisador não se dá com a mesma facilidade, embora possa tratar-se de fontes igualmente imprescindíveis. O mérito da Coleção Mineiriana é o de reunir num mesmo acervo desde os mais abrangentes e aprofundados títulos sobre o assunto central que é Minas Gerais, até as pequenas monografias municipais a respeito de particularidades regionais bastante localizadas. As grandes fontes e os livros de referência específica estão, pois, ali, lado a lado, à disposição do pesquisador. Consultar essa coleção hoje preciosa é assegurar o êxito de uma pesquisa criteriosa e correta sobre Minas.”

**Francisco Iglésias** (Historiador):

“A Mineiriana da Biblioteca Pública representa o melhor conjunto de obras dedicadas ao estado de Minas Gerais, de seu princípio à atualidade. Uma visita à sala comprova a inteligência e o critério que têm dirigido muito do que se produz com referência à formação, ao desenvolvimento ou à problemática de área que continua como desafio aos pesquisadores e estudiosos. A coleção mostra o muito que se fez e pode despertar ou sugerir novos temas. É um ponto privilegiado da Biblioteca, que merece cada vez mais, como tem merecido até agora, o carinho e a lucidez dos seus dirigentes”.



**Roberto Gusmão** (Professor):

“ Para os profissionais de história e ciências sociais, que têm Minas Gerais como objeto de preocupação e interesse, o acervo da Coleção Mineiriana é precioso. O adjetivo no caso, para aqueles que em algum momento estiveram envolvidos com o nosso Estado, não é nem um pouco exagerado. A existência da Mineiriana, a meu ver, se constitui num pequeno milagre verdadeiro, salvo do incêndio na terra arrasada da política cultural dos últimos vinte anos. A permanente atualização do seu acervo e de suas atividades, através de eventos que estimulem o interesse da pesquisa e da reflexão em torno da Mineiriana, é responsabilidade de todos nós. ”

**Aluísio Pimenta** (ex-Presidente da Fundação João Pinheiro):

“ É sempre bom que se frise que, em meio às transformações que as novas tecnologias da comunicação operam na sociedade moderna, o livro continua a ter o seu espaço próprio e fundamental como instrumento de cultura e conhecimento. No caso da Biblioteca Pública de Minas Gerais, a existência de uma coleção como a Mineiriana ainda a torna uma instituição de maior presença social, educativa e cultural como centro de informação escrita e subsídio bibliográfico. Quem conhece essa importante coleção sabe de sua relevância não só para aqueles que estudam a nossa história e nossa realidade, mas para todo o povo mineiro que tem ali o registro mais rico e significativo de sua memória impressa. ”

**Murilo Rubião** (Escritor):

“ Efetivamente, na Biblioteca Pública nunca deveriam faltar estantes para as obras de autores mineiros. Nelas encontra-se material tão precioso quanto dificilmente acessível, para corresponder à requisição dos pesquisadores. É bom que aí se lhes deparem com os clássicos da História, da Sociologia, da Geografia e demais disciplinas, juntamente com as publicações de poetas e prosadores nossos contemporâneos. Convém que estes últimos não deixem de enviar à Mineiriana um exemplar da própria bibliografia, já diretamente, já por intermédio de seus editores. Ao empenho pelo contínuo enriquecimento do acervo e ao sentido reverencial da coletânea, tem-se consagrado, com incansável devotamento, a escritora Laís Côrrea de Araújo, desde a hora inaugural de sua gestão, à frente da Biblioteca. ”



**Aires da Mata Machado Filho** (Professor):

“ O próprio acervo originário da Biblioteca Estadual, desde as doações feitas pelo seu fundador, Eduardo Frieiro, e as procedentes do jornalista Luiz de Bessa, que lhe deu o nome, sugere a escolha de estantes reservadas às publicações de escritores mineiros, pertencentes a todas as épocas. Laís Corrêa de Araújo, hoje à sua frente, trata com particular esmero essa Mineiriana, empenhada em valorizá-la, enriquecê-la e atualizá-la. Nada mais justo, nada mais merecedor de elogio. ”

**Carmen Pinheiro de Carvalho** (Ex-diretora da Biblioteca Pública Estadual):

“ Coleccionar e organizar uma fonte de pesquisas da importância da Coleção Mineiriana, constituirá sempre a grande contribuição da Biblioteca Pública Estadual “Professor Luiz de Bessa” e que, felizmente, a sua atual direção vem de renascer para o reconhecimento de todos quantos desejarem saber sobre Minas Gerais, sua Arte, suas Letras, Ciências, sua gente, sua História que foi e será sempre a própria História do Brasil. ”

**Priscila Freire** (ex-Superintendente de Museus do Estado de Minas Gerais):

“ Em ‘ Hoje é dia de Rock’, José Vicente conclui que Minas não há mais’. A Mineiriana responde por Minas. Aí está, para dar provas, esta Coleção de livros inseridos na Biblioteca Pública. A Mineiriana é a rosa dos ventos da cultura mineira, caminho e destino de sua história. Traz a certeza da existência de uma Minas a serviço da verdade e do homem. ”

Humberto Werneck

# 1920-1970 | Meio Século de Literatura Mineira nos Periódicos

Como em qualquer tempo ou lugar, parte da melhor literatura produzida em Minas Gerais muitas vezes chegou ao leitor, primeiro, nas páginas de revista ou jornais, publicações materialmente precárias e quase sempre efêmeras, antes de ganhar embalagem menos perecível sob a forma de livro. É nelas que, na juventude, muitos bons autores afiam e afinam seus instrumentos.

**E**xemplos não faltarão nas montanhas de papel impresso no período de que aqui nos ocuparemos – aquele meio século que vai do surgimento da geração modernista mineira, no início da década de 1920, aos primeiros anos do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, criado pelo contista Murilo Rubião em 1966 e por ele comandado até o final daquela década.

Desnecessário lembrar que obras primas prontas e acabadas sempre foram raridade em revistas e jornais das novas gerações, contando-se nos dedos casos como “No meio do caminho”, de Drummond, um dos mais célebres poemas brasileiros do século XX, que, antes de chegar a livro – *Alguma poesia*, de 1930 – pôde ser lido, em julho de 1928, no terceiro número

da *Revista Antropofagia*, editada em São Paulo por Oswald de Andrade. Não significa, porém, que em meio ao verdor desse tipo de publicação não haja muito o que garimpar, no fascinante esforço de retrazar os caminhos que vão de tentativas juvenis à solidez da produção madura.

Aqui, uma relação – que não se pretende exaustiva – de jornais e revistas que, entre os anos 1920 e 1970, abriram espaço para a literatura em Minas Gerais.

## Diário de Minas (Década de 1920)

De tudo o que saiu nas áridas páginas do *Diário de Minas* em seus trinta anos de existência – 1899-1931 –, muito pouco interessaria hoje ao pesquisador de literatura além do que ali publicaram, na década de 1920, os jovens modernistas capitaneados por Carlos Drummond de Andrade. Órgão oficial do Partido Republicano Mineiro (PRM), o jornal foi também órgão oficial do governo do Estado, uma vez que ao longo da República Velha o PRM imperou soberano em Minas. Com apenas quatro páginas e bem poucos leitores, sua importância se resumia ao fato de que era, para os políticos, um utilíssimo sensor dos humores palacianos. O que explica a relativa facilidade com que os modernistas mineiros, trafegando ao largo da política, vieram a ocupar espaços não só nas páginas como na redação do jornal – além de Drummond, que começou como colaborador em 1921 e em 1926 foi contratado, no *Diário de Minas* trabalharam Emílio Moura, João Alphonsus, Afonso Arinos e Cyro dos Anjos. Todos eles dotados de um irreverente bom humor que destoava da sisudez do ambiente: “Inventávamos

logo vários colaboradores, modernistas uns, passadistas outros, jogávamos estes contra aqueles, forjávamos polêmicas crudelíssimas”, rememorou Emílio Moura, três décadas depois, acrescentando que “Drummond era inesgotável em iniciativas dessa natureza “ A passagem desse grupo pelo Diário de Minas seria objeto do livro *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*, da professora Maria Zilda Ferreira Cury, publicado pela editora Autêntica, de Belo Horizonte, em 1998. E a provinciana capital em que eles viveram essa aventura pode ser revisitada em outro estudo, *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*, de Luciana Teixeira de Andrade (2004).

### A Revista (1925-1920)

A mais importante publicação do Modernismo em Minas Gerais não foi além de três edições, lançadas entre julho de 1925 e janeiro do ano seguinte. Teve como “directores” Carlos Drummond de Andrade e Francisco Martins de Almeida e como “redactores” Emílio Moura e Gregoriano Canedo. . “O pólen de que resultou a criação de “*A Revista*”, reconheceu meio século depois o memorialista Pedro Nava, um dos participantes da aventura, foi a passagem por Belo Horizonte, em 1924, de Mário e Oswald de Andrade, à frente de uma “caravana paulista” integrada também pela pintora Tarsila do Amaral e pelo poeta francês Blaise Cendrars. “Esse contato”, disse Nava, “deu-nos consciência de nossa posição e de sua possível importância - se atuássemos vivamente.” Para os rumos da revista foi decisivo, em especial, o papel de Mário, que, depois de ler o primeiro número, aconselhou em carta a Drummond: “Diplomacia nas relações com o passadismo mineiro. Aproximação e sova por meio da prosa raciocinadora. Porrada só como revide.” A inclusão, entre os colaboradores, de escritores de safra anterior ao Modernismo, como Godofredo Rangel e Carlos Góes, não foi suficiente para impedir estacadas - em especial, as desferidas pelo escritor e mestre em tipografia Eduardo Frieiro, que, mal-disfarçado sob o pseudônimo João Cotó (de Jean Cocteau) no jornal *Avante!*, considerou *A Revista* “perrengue de físico e de miolo”. Sem dizer-lhe o nome, Frieiro referiu-se ao líder do grupo, o jovem Drummond, como “aquele mocinho esgrouvinhado, que tem cara de infusório”, distribuindo ainda cotoveladas em Nava (“jovem esteta que banca o crítico de arte”) e Emídio Moura (“esguio poeta que escreve gravemente”). Rodada

nas oficinas do *Diário de Minas*, jornal oficioso do governo mineiro que o grupo de jovens escritores havia sub-repeticamente convertido numa trincheira do Modernismo, *A Revista* teve razoável volume de anúncios nas cerca de 60 páginas de cada número. Nelas escreveram, além de autores nativos – entre os quais João Alphonsus, Abgar Renault e o futuro governador Milton Campos –, quatro forasteiros já então razoavelmente conhecidos na cena literária nacional: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho. Os três números de *A Revista* foram repostos em circulação em junho de 1928, em edição fac-similada e num só volume, por iniciativa do bibliófilo paulistano José Mindlin. No livro *O Modernismo em Belo Horizonte: década de vinte* (UFMG/PROED, Belo Horizonte, 1982), o professor Antônio Sérgio Bueno se ocupa não só de *A Revista* como de outra interessante publicação da época, *Leite Criôlo* [sic], série de suplementos literários editados pelo jornal *Estado de Minas* entre 2 de junho e 29 de Setembro de 1929, por iniciativa dos escritores João Dornas Filho, Guilhermino Cesar e Aquiles Vivacqua.

### Verde (1927- 1929)

Publicada entre setembro de 1927 e maio de 1929, a revista *Verde* conseguiu ressoar muito além do lugar onde foi editada, a então acanhada Cataguases, na Zona da Mata mineira. A notoriedade que alcançou nas grandes cidades do país se explica, em boa medida, pela ousadia do mais ativo de seus jovens editores, Rosário Fusco, que aos 17 anos não hesitava em bater na porta dos modernistas mais notórios com pedidos de colaboração. Foi sobretudo graças ao futuro romancista de *O agressor* (1976) que os seis números da revista cataguasense veio a publicar, entre outros, os três Andrades – Mário, Oswald e Drummond –, Murilo Mendes, Ribeiro Couto, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Ascenso Ferreira, Paulo Prado, Augusto Frederico Schmidt, José Américo de Almeida, Prudente de Moraes, neto, e Tristão de Athayde. De São Paulo, juntando suas identidades do pseudônimo “Marioswald”, os dois primeiros enviaram os versos de “Homenagem aos homens que agem”, prometendo “... *ir de ver de / Forde verde / os uses / de Cataguases*”. No número 3, o poeta francês Blaise Cendrars dedicou um pequeno poema “Aux jeunes gens de Catacazes [sic]” – em louvor do grupo que, além de Rosário Fusco, incluía os poetas Guilhermino Cesar, Enrique de Resende, Francisco Inácio Peixoto e Ascanio Lopes À memória des-

te último, morto de tuberculose aos 22 anos de idade, foi consagrado quase todo o número 6, que seria também o último e que, curiosamente, trocou pelo vermelho o verde da capa. Entre 1928 e 1929, a revista emprestou seu selo para publicação de quatro livros: *Poemas cronológicos*, de Henrique de Resende, Ascânio Lopes e Rosário Fusco; *Meia-pataca*, de Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto; *13 poemas*, de Martins Mendes; e *Fruta de conde*, de Rosário Fusco. Por iniciativa do bibliófilo José Mindlin, a *Verde* teve em Dezembro de 1978 uma reedição fac-similada, a que se acrescentou um caderno com reminiscências de Guilhermino Cesar, estudo crítico de Cecília de Lara e resenha bibliográfica de Plínio Doyle, além de apresentação assinada por Mindlin.

### Elétrica ( 1927- 1929)

Editada em Itanhandu, cidade do Sul de Minas que tinha então apenas 5 000 habitantes, *Elétrica* ficaria sendo, entre as revistas modernistas, a mais longeva: dez números foram lançados por seu criador e editor, o poeta carioca Heitor Alves (1898 1935), que em 1925 fora buscar no bom clima da região a cura para a sua tuberculose. Apresentando-se como “revista moderna e ilustrada do Sul de Minas (letras, arte, atualidades, propaganda, informações)”, *Elétrica* não pretendeu ser uma publicação exclusivamente literária – poderia ser descrita, com mais exatidão, como um almanaque de variedades que, além de publicar poesia, ensaio e ficção, servia ao leitor anedotas e noticiário social, tendo chegado a promover um concurso para consagrar a Princesa e a Princesinha do Sul. Impressionava pelo grafismo inusitado, já que alguns dos textos nela publicados eram compostos em forma

de objetos – lâmpada, sino, ampulheta, guarda-chuva. Ligado ao grupo que, no Rio de Janeiro, publicava a revista *Festa* – Tasso da Silveira, Murilo Araújo e Andrade Muricy –, Heitor Alves, autor de *Sons ritmados*; *A vida em movimento*; e *Siqueira Campos, o Bravo*; não deixou obra relevante, mas, com sua revista, ajudou a divulgar a produção de colaboradores de envergadura, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava e Ribeiro Couto.

### Edifício (1946)

Revista fundada em Belo Horizonte pela geração de escritores que chegou à cena logo em seguida ao grupo formado por Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino – os quatro “vintanistas”, como paternalmente os apelidou Mário de Andrade. Diferentemente deles, que, sendo um pouco mais velhos, surgiram ainda sob o abafamento da ditadura do Estado Novo, encerrada em 29/10/1945, e da Segunda Guerra Mundial (agosto de 1945), os jovens da *Edifício* eram abertamente politizados, sendo que vários escancaravam sua filiação ao recém legalizado Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Apeado Getúlio Vargas, o ditador que reinara absoluto durante anos, os editores fizeram questão de que sua revista não tivesse diretor ou secretário. A idéia de criá-la partiu de Sábato Magaldi e Wilson Figueiredo, e entre os fundadores estavam, também, Autran Dourado, Francisco Iglésias, Edmur Fonseca e Pedro Giannetti. A publicação – cujo título foi pinçado no poema *Edifício esplendor*, de Carlos Drummond de Andrade, e que tomou como divisa o célebre *E agora, José?* do poeta itabirano – teve quatro números, entre janeiro e julho de 1946. Desdobrou-se, ainda, na edição de

quatro livros: a novela *Teia*, de Autran Dourado, e os poemas de *Mecânica do azul* (Wilson de Figueiredo), *Poema do príncipe exilado* (Hélio Pellegrino) e *Vocabulário noturno* (Jacques do Prado Brandão). O melhor de *Edifício* está no segundo número, de março de 1946: além de poemas inéditos de pesos pesados como Drummond, Emílio Moura, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes e Augusto Frederico Schmidt, nele se lêem depoimentos dos jovens integrantes do grupo e de alguns mais, convidados a responder a perguntas sobre temas literários e políticos. Há um curioso descompasso entre a seriedade com que a maioria encarou as perguntas e o tom galhofeiro dos textos (não-assinados, mas, ao que se sabe, escritos por Wilson Figueiredo) de abertura de cada depoimento. Hélio Pellegrino, por exemplo, católico e revolucionário, é apresentado como “um Maiakovski em batina”. Fernando Sabino, recordista nas piscinas, um “ex-campeão aquático”. Piadas se misturam a declarações tonitruantes como esta de Autran Dourado: “Se dermos um pontapé no latifúndio e sairmos do feudalismo, então conseguiremos alguma coisa”. Na maturidade, o mesmo Autran retratará a chamada geração *Edifício* no romance *Um artista aprendiz* (1989).

### Nenhum (1947)

Concebida e executada pelo poeta Hélio Pellegrino e pelo arquiteto e historiador Sylvio de Vasconcellos, a revista foi impressa num sistema rudimentar chamado multilite, e teve apenas uma edição, com 44 páginas. A precariedade material desse filho único foi em parte compensada por ilustrações de artistas como Guignard e Franz Weissman e por um time de colaboradores que incluiu Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa

e Dantas Motta, nomes já então bem mais que estaduais, além de Murilo Rubião, Autran Dourado, Sábato Magaldi, Marco Aurélio Matos e Octavio Mello Alvarenga, que despontavam. Otto Lara Resende assina um conto em cujo personagem, ‘moço risonho, de certo porte avantajado’, é impossível não reconhecer os traços de Hélio Pellegrino, aboletado a uma mesa do Marrocos, na Praça Raul Soares. O próprio Hélio comparece com uma divertida Balada social em que a certa altura se lê: “Licenciosas burguesas! que nas mesas assentais / vossas nádegas marquesas! / Vos amo assim, repolhudas, / gordas aves estivais!”

### Vocação (1951)

Editados entre janeiro e agosto de 1951, os três números de *Vocação* lançaram seus três fundadores – Affonso Ávila, Rui Mourão e Fábio Lucas, à época ainda estudantes universitários. Além deles, nela colaboraram Alphonsus de Guimaraens Filho, Cyro Siqueira, Agenor Lopes Cançado e Lais Corrêa de Araújo, que naquele ano publicaria seu primeiro livro, *Caderno de poesia*. Amilcar de Castro, um dos maiores artistas plásticos brasileiros do século XX, foi um dos ilustradores da revista – cuja base física, no centro de Belo Horizonte, era uma sala onde o poeta Bueno de Rivera editava o seu *Guia Rivera* e que, à noite, cedia aos jovens escritores. *Vocação* estabeleceu fecundo debate com publicações literárias de outras cidades brasileiras.

### Tendência (1957-1962)

Lançada em agosto de 1957, com colaboração de qualidade, esmero gráfico e características de livro, *Tendência* significou uma experiência já madura do pequeno e aguerrido grupo de escritores – Affonso Ávila, Fábio Lucas e Rui Mourão – que, em 1951, publicara a revista *Vocação*. Quatro números seriam editados até julho de 1962, os dois primeiros sob a direção de Fábio Lucas e os seguintes, de Rui Mourão. No centro das preocupações de seus criadores, expressas em editorial, estava “a investigação do sentimento nacional e de tudo o que peculiarmente a cultura brasileira tem de específico nos traços de sua individualidade, que lhe conferem cor, autonomia e caráter.” A revista, assinalou a professora Nilze Paganini, “soube enxergar com rapidez o grande valor de Guimarães Rosa e contribuiu para sua divulgação”, num momento em que o autor de *Grande sertão: veredas* ainda

estava longe de ter a sua real envergadura reconhecida pela crítica. A ressaltar, igualmente, o diálogo que a revista entabulou com outros grupos, sobretudo os concretistas de São Paulo. Da primeira à quarta edição, o número de páginas de *Tendência* dobrou, crescendo de 88 para 163. Nelas escreveram também Antonio Candido, Osman Lins, Emilio Moura, Fritz Teixeira de Salles, Adonias Filho, Afranio Coutinho, Franklin de Oliveira, Oswaldino Marques, Affonso Romano de Sant’Anna, Haroldo de Campos, Oscar Mendes, Maria Luisa Ramos, José Lino Grünwald e Mário Chamie.

### Complemento (1956-1958)

O estímulo que faltava para o lançamento de *Complemento*, no início de 1956, teria sido, há quem afirme, um desafio lançado por João Etienne Filho na sua coluna no jornal *O Diário*, em 27 de Setembro de 1955: “Onde estão as revistas de moços? Onde os grupos? Onde as revoluções e da demolição?” – escreveu o veterano jornalista e escritor, incentivador de mais de uma geração de jovens escritores em Belo Horizonte, desde que apadrinhou, no final dos anos 1930, o quarteto formado por Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino. O primeiro número de *Complemento* saiu no começo de 1956, por iniciativa de Silviano Santiago, Theotônio dos Santos Júnior, Heitor Martins, Ezequiel Neves e Ary Xavier, integrantes de um vasto grupo informal que se distinguia da maioria de outros surgidos até então por se interessar não somente por literatura como também por cinema, dança, música, teatro, artes plásticas. Muitos deles participavam, sob a inspiração de Jacques do Prado Brandão e Cyro Siqueira, da importante experiência do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), criado pelo primeiro em 1951 e objeto do livro *Uma geração cinematográfica: intelectuais mineiros da década de 50* (2003), de Elysabeth Senra de Oliveira A *Revista de Cinema*, criada por Cyro Siqueira, era referência além-Minas. Do amplo grupo multidisciplinar, cuja memória seria em parte resgatada por uma de suas integrantes, Lúcia Helena Monteiro Machado, em *A filha da paciência*: na época da geração *Complemento* (2001), fizeram parte, ainda, o bailarino e coreógrafo Klauss Vianna, o teatrólogo João Marschner, o ator Carlos Kroeber, o cineasta Mauricio Gomes Leite e o crítico de arte Frederico Moraes Na revista, da qual foram publicados quatro números entre 1956 e início de 1958, escreveram Ivan Angelo, Silviano Santiago (também sob o pseudônimo Antônio Nogueira), Frederico

Morais e, como poeta, Ezequiel Neves, que a partir da década de 1960 se tornaria crítico de música, compositor e produtor gráfico, vindo a ser considerado o papa do rock brasileiro.

### Estória (1965-1968)

Revista dedicada ao conto, criada por um grupo de jovens escritores - Luiz Vilela, Luiz Gonzaga Vieira, Sérgio Danilo, (1965-1968) José Renato Pimentel e Medeiros, Fernando Rios e Wanda Figueiredo - no vácuo editorial aberto com a extinção de um suplemento do jornal *O Estado de Minas* no qual o poeta e ensaísta Affonso Ávila fizera importante trabalho de revelação de novos talentos literários. O primeiro número de *Estória*, trazendo contos de seus fundadores, circulou em Outubro de 1965, com 24 páginas – volume que aumentaria progressivamente até a sexta e última edição, lançada, sem registro de data, em junho de 1968, com 64. A partir do número 5 (sem data, março de 1968), a revista deixou de ser um empreendimento apenas dos contistas que nela escreviam, passando a ser editada e distribuída pela Livraria do Estudante, que vinha a ser ponto de encontro daquela geração. *Estória* já alcançara, então, ressonância nacional – e um pouco mais: nas páginas da *Small Press Review* e do *Directory of Little Magazines*, da Califórnia, foi considerada “a melhor publicação literária do continente sul americano”. Em seus quase três anos de existência, divulgou dezenas de contistas – entre outros, além dos já citados, Sérgio Sant’Anna, Manoel Lobato, Duílio Gomes, Moacir Laterza (também sob o pseudônimo Del Pietro Luigi Antonio), Lucienne Samôr e Maria Luiza Ramos. O ambiente físico, moral e político em que os jovens dessa geração chegaram à cena, na Belo Horizonte dos anos 1960, ganharia tratamento ficcional no romance de estréia de Luiz Vilela, *Os novos* (1971).

### Suplemento Literário de Minas Gerais (1966-1968)

Lançado em 3 de Setembro de 1966 como encarte nas edições de sábado do *Minas Gerais*, o diário oficial do Estado, o *Suplemento Literário de Minas Gerais* (SLMG) nasceu de proposta bem mais modesta, a de ressuscitar a página literária que a publicação tivera em outros tempos, e na qual colaborará, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, então funcionário da Imprensa Oficial. Também ele funcionário da casa, o contista Murilo Rubião foi encarregado da tarefa – e tornou a mais ambiciosa: criou não uma página, mas um suplemento, que não tardou a se

firmar como um dos melhores dos países. O escritor precisou, para isso, vencer o ceticismo, a indiferença e até certa hostilidade de setores do *establishment* literário belo-horizontino. Focado na ficção, na poesia e no ensaio, o *Suplemento Literário* abriu-se também a outros campos da cultura, como o cinema, o teatro e as artes plásticas - sempre com a preocupação de mesclar vozes expressivas de distintas gerações. Para isso, contou Murilo Rubião com a decisiva parceria não só de Affonso Ávila como de Laís Corrêa de Araújo e Aires da Mata Machado Filho (substituído, em 1968, por Rui Mourão), integrantes da primeira comissão de redação do SLMG. Graças a Laís, o semanário foi pioneiro na tradução de autores como Julio Cortázar, Gabriel Garcia Márquez e Javier Villafañe. Além de revelar novos nomes, o suplemento, em seus começos, publicou os grandes nomes da literatura brasileira da época, como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Antonio Candido, Autran Dourado, José J. Veiga, João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Osman Lins, Luis Costa Lima, José Guilherme Merquior, Lygia Fagundes Telles, João Antônio, Tristão de Athayde, Antônio Houaiss, Silviano Santiago, Benedito Nunes e Dalton Trevisan – para não mencionar mineiros que seguiram vivendo em Minas e que foram colaboradores contumazes, como Emílio Moura, Eduardo Frieiro, Bueno de Rivera e Francisco Iglésias. Numerosas edições especiais, frequentemente publicadas também em papel de melhor qualidade, trataram de temas como o Barroco ou os quarenta anos do Movimento Antropofágico, e homenagearam escritores, entre eles Abgar Renault, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Rodrigo M. F. de Andrade, Guimarães Rosa, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos. O SLMG esteve sob o comando direto de Murilo Rubião até o final de 1969, quando se fecha o período (1920-70) considerado nesta resenha. Haveria de atravessar as décadas seguintes sob a responsabilidade, sucessivamente, de Rui Mourão, Libério Neves, Ildeu Brandão, Ângelo Oswaldo, Mário Garcia de Paiva, Wander Piroli, Wilson Castelo Branco, Duílio Gomes e Pascoal Mota. Rebatizado *Suplemento Literário* de (e não mais do) *Minas Gerais* em novembro de 1994 e convertido em publicação mensal, o jornal foi, a partir de então, dirigido sucessivamente por Jaime Prado Gouvêa, Carlos Ávila, Anelito de Oliveira e Fabrício Marques. Em maio de 2005, a direção do SLMG seria confiada à professora de teoria e crítica literária Camila Diniz Ferreira.

#### HUMBERTO WERNECK

é jornalista e escritor, autor de *Pequenos fantasmas*, *O desatino da rapaziada*, *O santo sujo* e *O pai dos burros*.

# SUPLEMENTO LITERÁRIO

Número especial organizado por Áurea Eloísa Godinho Piacesi (superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais) e Diná Marques Pereira de Araújo (diretora da Biblioteca Pública Luiz de Bessa)



Capa de Anna Cunha

**Governador do Estado de Minas Gerais**  
**Secretário de Estado de Cultura**  
**Secretário Adjunto**  
**Superintendente do SLMG**  
**Assessor Editorial**  
**Projeto Gráfico e Direção de Arte**  
**Diagramação**  
**Conselho Editorial**  
  
**Equipe de Apoio**  
**Estagiárias**  
**Jornalista Responsável**

Aécio Neves da Cunha  
Paulo Brant  
Estevão Fiúza  
Jaime Prado Gouvêa  
Fabrício Marques  
Plínio Fernandes – Traço Leal  
Fernando Vilasboas, Jairo Souza – Traço Leal  
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,  
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques  
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva  
Geizita Mendes, Mariana Novaes, Mariana Piastrelli  
Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

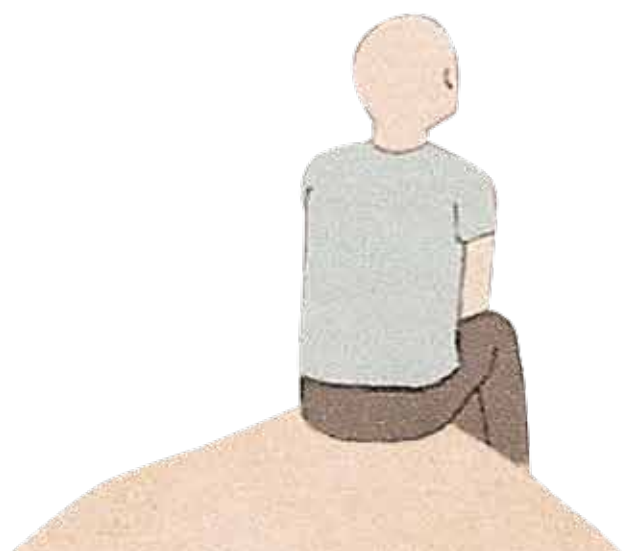
**Fotos: Arquivo**

**Textos assinados são de  
responsabilidade dos autores**

**Suplemento Literário de Minas Gerais**

Av. João Pinheiro, 342 – Anexo  
30130-180 – Belo Horizonte, MG  
Fone/Fax: 31 3269 1141  
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: [www.cultura.mg.gov.br](http://www.cultura.mg.gov.br)



# SUPLEMENTO LITERÁRIO

